

SUZANNE ENOCH

AUTORA BEST SELLER DO USA TODAY



UMA VIAGEM ESCANDALOSA
NAS HIGHLANDS



Um Ardente **ESCOCÊS**

"É hora de se apaixonar por Suzanne Enoch." LISA KLEYPASS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

SUZANNE ENOCH

AUTORA BEST SELLER DO USA TODAY



UMA VIAGEM ESCANDALOSA
NAS HIGHLANDS

Um Ardente **Escocês**

"É hora de se apaixonar por Suzanne Enoch." LISA KLEYPASS

Table of contents

1. [Capa](#)
2. [Folha Rosto](#)
3. [Direitos Autorais](#)
4. [Dedicatória](#)
5. [Capítulo 1](#)
6. [Capítulo 2](#)
7. [Capítulo 3](#)
8. [Capítulo 4](#)
9. [Highlanders Escandalosos](#)
 1. [Em breve novidades da autora](#)
10. [Sobre a Autora](#)
11. [Informações Leabhar](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)

Um Ardente **Escocês**

SUZANNE ENOCH

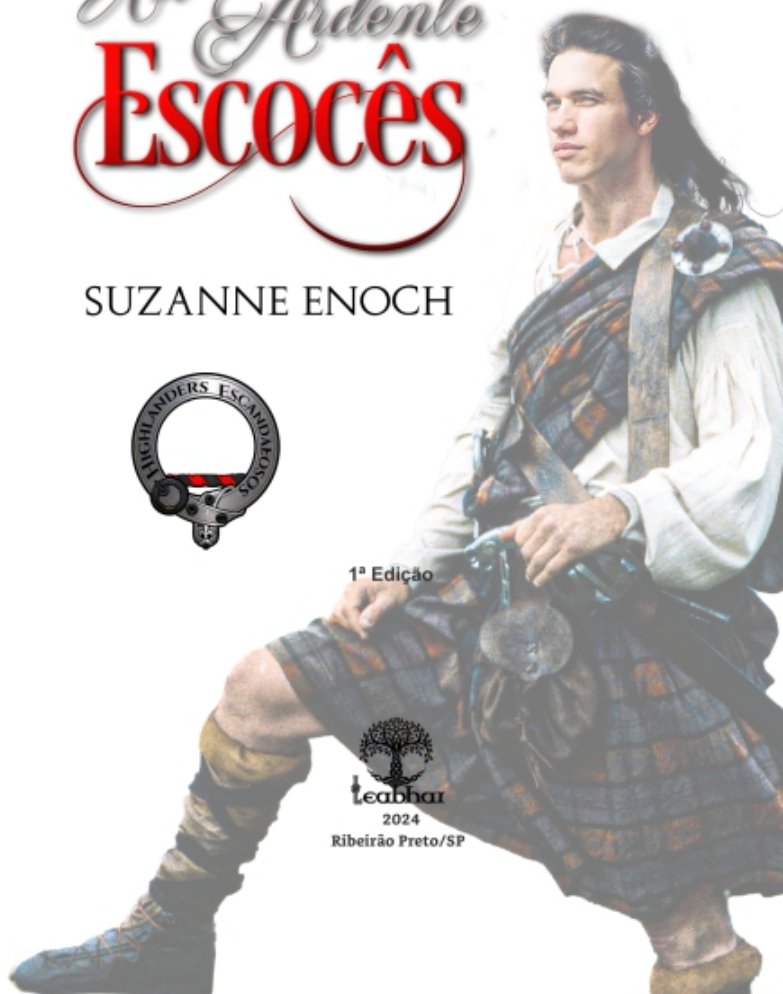


1ª Edição



2024

Ribeirão Preto/SP



Direitos Autorais



Título original: One hot Scot
Scandalous Highlanders Series short story
Copyright © 2014, Suzanne Enoch
Copyright da tradução©2024 Leabhar Books Editora Ltda.

Editor: Tereza Rocca
Tradução: Regiane Moreira
Revisão: D. Marquezi
Diagramação e Capa: Labellaluna Web®

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada, distribuída ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais, exceto em publicidade e resenhas.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) FICHA CATALOGráfICA

E59lbe

Enoch, Suzanne.

Título: Um Ardente Escocês (recurso eletrônico) - ©2024 Leabhar
Books Editora Ltda- Ribeirão Preto - SP

Tradução de One Hot Scot © 2013 - Suzanne Enoch.

Formato: Livro digital

Veiculação: Digital

ISBN 978-65-5444-267-1

1. Histórico. 2. Americano. 3. Moreira, R. I. Título

80754

**CDD 82-32
CDU 134-3**

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda. CEP:
14025-200 - RP/SP - Brasil

E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com

Glossário

- **Laird** = Lorde
- **Meu laird ou M'laird** = milorde
- **Aye** = sim
- **Nae** = não
- **leannan** = meu amor
- **piuthar** = Irmã
- **bràthair** = irmão
- **athair** = pai
 - **seanmhair** = avó
- **amadan** = idiota
- **seannachy** = velho
- **Sassenach ou sassanach** = estrangeiro (de forma pejorativa)
- **Sròin** = nariz
- **bairn** = criança. bebê
- **Lass** = moça
- **Laddie** = rapazes
- **Lad** = rapaz ou cavaleiro
- **Bonnie lass** = moça bonita
- **Bonnie** = bonito
- **Àluinn** = Bonito (forma e ortografia obsoleta)
- **brèagha** = belo
- **Plaid** = xadrez
- **sporrán** = um tipo de bolsa que se usa na frente do kilt
- **ghillie brogues** = Sapatos usados com Kilt
- **Caber** = lançamento de tronco
- **Claymore** = espada larga
- **maide leisg** = disputa de força e equilíbrio
- **Urso-baiting** = esporte sobre atormentar ursos
- **sheaf toss** = lançamento de feixe de palha
- **Stone Put** = arremesso de pedra
- **Jig** = dança animada
- **Haggis** = comida típica - bucho de ovelha recheado com vísceras.
- **Clearances** = despejo forçado de habitantes das Highlands
- **Bedlamite** = pessoa insana, louca.
- **tha gaol agam ort-fhèin** = Eu te amo.
- **Meala-naidheachd ort** = parabéns para você

Dedicatória



PARA JACK-

O MELHOR SOBRINHO QUE UMA TIA PODERIA PEDIR.
ESTOU TÃO ORGULHOSA DO JOVEM QUE VOCÊ É,
UM CAVALHEIRO, EM TODOS OS SENTIDOS DA PALAVRA.



Capítulo 1



Julia Prentiss sentou-se na estrada enquanto a cauda de sua égua desaparecia ao redor de uma grande pilha de pedras. Em outras circunstâncias, provavelmente acharia a visão bonita - um cavalo preto galopando, sem cavaleiro, em um pôr do sol laranja e roxo, cheio de nuvens. Era exatamente o tipo de coisa que imaginou quando sugeriu que uma visita de verão à Escócia, para o casamento de sua tia, seria um presente de Natal perfeito. Tocou com os dedos a bainha rasgada de seu vestido azul e fez uma careta. Isso não era nem de longe o que tinha em mente.

Nada, nos últimos cinco dias, de fato, parecia ser um tipo de presente de Natal que ela jamais teria pedido. Nem em um milênio. Portanto, supunha que não deveria ter ficado surpresa ao ser atirada ao chão, agora. Tudo isso combinava perfeitamente com o pesadelo horrível que esse suposto presente havia se tornado.

Quando recuperou o fôlego, mexeu os dedos das mãos e dos pés. Suas costas, com certeza, estariam machucadas amanhã, mas nada parecia estar quebrado - o que também foi a primeira boa sorte que teve nos últimos cinco dias. Provavelmente seria também a última que teria. Certamente não poderia se arriscar a esperar na beira da estrada, na esperança de encontrar um rosto amigo. Era muito mais provável que a próxima pessoa que visse fosse decididamente hostil.

Esse pensamento lhe causou um calafrio na espinha, e, cuidadosamente, apoiou os pés no chão e se levantou. O lago longo e estreito, que havia atraído sua atenção estava próximo, à sua direita e, embora devesse estar gastando sua energia recuperando aquele maldito cavalo, a sede já havia transformado sua boca em pó. Com um rápido olhar para trás, para as colinas rochosas e sem urzes, Julia se dirigiu à beira da água, agachou-se e pegou um punhado da abençoada água fria com as duas mãos.

Independentemente do que pensava de Hugh Fersen, Lorde Bellamy, ele havia escolhido bem o lugar quando a arrastou até aqui. Estava cavalgando há mais ou menos duas horas e, além de Bellamy Park e dos barracos de camponeses ao redor, não tinha visto nem uma chaminé. E agora também não conseguia ver seu cavalo. Em mais vinte minutos, não conseguiria ver nada, pois estaria completamente escuro. Outro pensamento lhe ocorreu. Supostamente, os lobos haviam sido mortos nas Highlands, mas não tinha tanta certeza quanto aos ursos. Ou gatos selvagens. E pensar que poderia ter

pedido uma visita a Paris. Ou um vestido novo.

— Maldição. — murmurou. Seria demais esperar um pouco de sorte?

Um respingo de água no lago lhe respondeu. Se estivesse com fome o suficiente para pensar em peixe cru, teria se interessado, mas, embora o café da manhã tivesse sido há horas e horas, sua fome ainda não tinha chegado ao ponto do desespero. Na beira da água, esperava que os juncos lhe oferecessem algum tipo de abrigo contra a visão da estrada, mas, evidentemente, aqui ou o clima não era temperado o suficiente ou o vento era forte demais para permitir que qualquer planta crescesse acima da altura do tornozelo. Um cânion a esconderia, ou um vale profundo e agradável, mas o seu desejo de se esconder não era tão grande quanto o de sumir completamente dali. Ficar encolhida embaixo de uma árvore não serviria para nada.

De algum lugar ao longe, um som baixo ecoou pelas colinas escarpadas, e ela estremeceu. Fosse um tiro ou um trovão, isso a lembrou de como estava exposta. Independentemente de seus desejos, teria de encontrar um lugar para se abrigar e esperar que a noite e a chuva escondessem seu rastro. Julia se endireitou. Ao se virar, algo chamou sua atenção e se abaixou. Uma grande faixa de material xadrez havia sido dobrada e colocada sobre uma pedra baixa. Abriu o tecido e viu quadrados pretos, brancos e cinzas, com um fio vermelho grosso atravessando-os, quase como sangue.

As cores do clã de Bellamy eram azul, verde e preto; qualquer coisa diferente era bem-vinda. Será que finalmente conseguiu se afastar da terra dos Fersen? O estrondo baixo se repetiu e ela enrolou o tecido em volta dos ombros. Se a chuva viesse, teria algo além do seu lindo vestido de baile azul para mantê-la aquecida, pelo menos.

A água espirrou no lago novamente, dessa vez olhou para trás. E congelou.

Uma figura surgiu da água do lago. Uma figura masculina, notou, recuando tardiamente, enquanto ele se movia diretamente na direção dela. Os cabelos negros, lisos, sob o peso da água corrente, cobriam os ombros largos e nus. Seu tórax e abdômen bem musculosos ficaram visíveis quando a água baixou, e perguntou-se, por um instante, se ele usava alguma coisa, antes que a margem inclinada respondesse à pergunta.

Oh, meu Deus. Um pênis grosso, enraizado em pelos escuros e encaracolados, pendia entre as coxas musculosas. É claro que já tinha visto estátuas e, ocasionalmente, uma criança nua, mas isso não era uma criança. E não era uma estátua. No conjunto, ele era... impressionante.

Sacudiu-se. Também era um estranho, e ela estava muito sozinha — Afaste-se. — ordenou, recuando mais um passo.

Ele a observou, com o cabelo preto molhado caindo sobre um olho surpreendentemente verde, enquanto inclinava a cabeça — Parece que está usando meu kilt. — retumbou, em um forte sotaque das Highlands.

Julia dedilhou o pesado material ao redor de seus ombros — Oh. Oh! — dando de ombros, atirou-o contra ele.

O homem grande pegou o tartan quando bateu em seu peito. Mantendo o

olhar fixo nela, como se achasse que poderia desaparecer no ar, envolveu o longo material duas vezes em sua cintura e colocou a ponta para fora — Isso serve. — disse, um momento depois — Agora, é uma *lass Sasannach*, não é? O que está fazendo em minhas terras?

Sua terra? Ele era um Fersen, então, mesmo com as cores diferentes do tartã? Ou será que realmente havia encontrado alguém que poderia ajudá-la? Todas as alianças e territórios eram terrivelmente confusos, e agora desejava ter passado mais tempo aprendendo sobre eles. Antes de seu presente de Natal ter dado tão errado, achava a ideia dos clãs bastante romântica. Oh, deveria ter começado a correr, no momento em que a cabeça desse homem emergiu da água. Mas, se ele não sabia quem ela era ou por que estava ali, talvez ainda tivesse uma chance de escapar — Eu estava cavalgando com amigos. — arriscou — Nós nos separamos e meu cavalo se assustou.

O olhar verde passou de seu cabelo castanho-avermelhado, que havia escapado dos grampos, para seu vestido azul, igualmente desganhado — Foi cavalgar usando isso? — perguntou, pegando um par de botas, do outro lado da pedra e as calçando — Improvável. — abruptamente, lhe deu as costas e começou a caminhar por uma trilha tênue na urze.

— Espere! — Julia olhou da estrada vazia e escura atrás dela para o homem seminu, que se retirava rapidamente à sua frente. A égua poderia estar em York a essa altura, pelo que ela sabia. Ou pior, poderia ter retornado ao estábulo de onde Julia a havia comprado, naquela tarde. O que importava era que, se os homens de Bellamy encontrassem o cavalo, saberiam que estava a pé. E por perto. *Diabo*.

— Bem, venha então. — disse o homem grande, sem dar uma olhada para trás — Não tenho a noite toda. E vai chover na hora do jantar.

Quando alguém está se afogando, qualquer pedaço de destroços serve, supôs. Juntando as saias, correu atrás dele. Depois de mais ou menos dez minutos de caminhada, para o que parecia ser lugar nenhum, um vale estreito se abriu diante dela, a trilha se aprofundando em uma série surpreendentemente bem cortada de curvas, que levavam ao fundo. Era bastante fácil de percorrer, mas quase impossível de ver de cima, a menos que se soubesse para onde olhar. Esperava sinceramente que Fersen não soubesse para onde olhar.

Uma cachoeira à esquerda levava o escoamento do lago acima para um riacho estreito e rápido, que cortava o meio do vale em uma série de descidas em cascata. Árvores, olmos, pinheiros e carvalhos robustos, ladeavam os dois lados da água. Se estivesse em um estado de espírito mais expansivo, poderia ter tido um ou dois pensamentos aleatórios sobre como aquilo parecia um Éden, escondido abaixo das colinas e dos picos escarpados acima.

— Onde estamos? — aventurou-se. De acordo com a história que inventou, estava perdida, afinal. Portanto, sua pergunta era perfeitamente razoável.

— *Strath na saighead*. — ele murmurou.

Bem, isso não ajudava em nada — Perdão?

— Vale das Flechas. — disse, depois de um momento — Uma grande batalha foi travada aqui. Claro, grandes batalhas foram travadas em quase todos os lugares das Highlands. — contornaram um grupo de rochas caídas, e uma pequena casa de pedra foi vista, escondida sob o penhasco. Não, não era uma casa. Nem mesmo um chalé. Uma pequena cabana, que mal parecia maior do que seu quarto de dormir, em Sebree House, em Wessex.

— Isso parece emocionante. — Julia retornou, distraidamente. Então, agora sabia como se chamava o vale. Isso não respondia à pergunta mais urgente. Ainda estava nas terras de Fersen? Ele era leal a Fersen? Respirou fundo, tentando ignorar a rigidez que se instalava em suas costas — Ouvi dizer que o Clã Fersen tem sua sede aqui perto. Faz parte do clã de Lorde Bellamy?

— Foi de lá que veio? — perguntou o Highlander, parando para se virar e olhá-la.

Fugir naquela tarde exigiu toda a coragem que possuía. Se tivesse que fazer isso de novo... — Por favor, diga-me apenas se é aliado dos Fersens. — insistiu, percebendo abruptamente que, em um lugar muito isolado, acabava de se afastar ainda mais da ajuda nesse vale escondido. Pensou - e esperou - que essa poderia ser sua chance. Mas, se estivesse errada, acabava de se entregar novamente nas mãos de Bellamy, e ele se certificaria de que nunca mais escapasse.

— *Nae*. — respondeu, depois de um momento — Respondo ao Clã MacLawry. — inclinou a cabeça, com aquela mecha de cabelo preto úmido caindo sobre um olho verde novamente — Mais ou menos.

Ela não conhecia o Clã MacLawry, mas a maior parte da estranha... antiguidade das Highlands havia sido uma surpresa completa. E onde antes pareceu pitoresco, agora se mostrava nitidamente perigosa. Mais ou menos como entrar em um poço de víboras e não saber qual delas era a mais - ou menos - venenosa — Oh., — aventurou-se, achando que ele esperava algum tipo de resposta.

— Oh. — repetiu ele, com um toque de humor em seu olhar, antes de se voltar para o chalé e continuar em frente.

— Essa é a Casa MacLawry, então? Quem é o... líder do clã? Posso falar com ele?

— Acha que aquele monte de entulho é a casa de um chefe de clã? Não é um daqueles *Bedlamites* que escaparam do hospício, é?

— Não, claro que não.

— Então, *nae*, essa é uma velha cabana, que uso de vez em quando, para caçar. O chefe do Clã MacLawry é Lorde Glengask, que reside no Castelo de Glengask. E *nae*, não pode falar com ele, pois ele está em Londres. Seu irmão mais novo, Urso MacLawry, está lá, mas fica a quase sete milhas daqui, e está prestes a chover.

Sete milhas? Poderia muito bem ter sido cem milhas, já que não tinha cavalo e não fazia ideia de qual direção tomar. O trovão ressoou novamente, mais perto dessa vez — Há... há mais alguém aqui?

— Na cabana? *Nae*. Lenox House - onde moro - fica a uns cinco quilômetros daqui. Posso levá-la até lá amanhã, quando eu terminar aqui, ou quando a tempestade passar, o que vier primeiro. — puxou um trinco de corda e forçou a abertura da pesada porta. Abriu-se com um rangido, que só poderia ser descrito como sinistro.

— Eu... Talvez possa me indicar a direção da Lenox House? Tenho certeza de que serei bem-vinda lá.

Ele cruzou os braços sobre o peito — *Aye*? Conhece Duncan Lenox e seus parentes, então?

Isso seria um grande blefe, se ela quisesse tentar. No entanto, aqueles olhos verdes brilhantes a fitavam, e teve a nítida sensação de que ele sabia mais do que estava dizendo. Sobre o quê, não tinha a menor ideia. Julia forçou um sorriso — Não, não conheço.

Descruzando os braços musculosos, estendeu a mão direita — Bem, agora conhece. Eu sou Duncan Lenox. Entre, *lass*. Tenho água quente para o chá e um ensopado de coelho no fogo. Não lhe farei mal. Tem minha palavra.

Duncan Lenox esperou, com a mão estendida. Se essa mulher estava cavalgando com amigos e se perdeu, ele era um poodle francês, mas, independentemente das mentiras que ela contasse, uma coisa era óbvia: encontrava-se sozinha e em perigo.

— O senhor... sempre anda nu, Sr. Lenox? — perguntou, olhando de sua mão para seu rosto, com os olhos castanhos, cautelosos.

— Eu precisava de um banho. Não esperava ter um hóspede aqui. — baixou a mão novamente — Vai se juntar a mim lá dentro, ou *nae*?

— Não. Sinto-me mais... Não seria apropriado que eu fique sozinha com um homem dentro da cabana dele.

Também não seria exatamente apropriado em relação a ele, mas ela não o ouviu reclamar, não é mesmo? — Então, faça como quiser. — escondendo sua diversão com a expressão atordoada dela, entrou na cabana e fechou a porta atrás de si.

Não poderia resgatar alguém que não quisesse ser resgatado. E não estava enviando ninguém para Lenox House que pudesse levar problemas junto. E essa mulher era um problema. Praticamente podia sentir o cheiro no ar. Embora fosse um Highlander seminu, conhecia as regras de decoro. Pressentia que estava prestes a descobrir o quão remoto era esse vale e até onde a sociedade poderia chegar.

É claro que ela poderia ser uma dama casada, em uma aventura estranha. Isso o pouparia de um conjunto de problemas, mas introduziria outro totalmente diferente - ou seja, seu marido e o que o sujeito faria, se os descobrisse compartilhando um ensopado de coelho, em uma pequena cabana. Preferia evitar *qualquer* problema, mas isso não parecia provável, hoje.

Acima de tudo, não conseguia escapar da sensação de que havia caído em uma armadilha de alguma fada. Quando emergiu no lago e viu uma adorável duende, envolta nas cores de seu clã, com os cabelos ruivos tocados pela brisa

e os olhos castanhos voltados para o sol poente, por um simples segundo pensou... Bem, não tinha certeza do que havia pensado, mas não fazia sentido.

Sabia o que seu corpo havia pensado, e levou um momento para que a água fria colocasse tudo no lugar novamente. Ela teria corrido, com certeza, se tivesse visto aquela parte liderando o caminho. Olhando de relance para a porta ainda fechada, vestiu uma camisa velha de linho, depois foi jogar mais um pedaço de lenha no fogo e puxou a chaleira, para fazer uma xícara de chá. Feito isso, colocou o ensopado de volta no fogo; se aquele cheiro não a tentasse a entrar, nada o faria.

Ela parecia pensar que ele fazia parte do clã Fersen - ou, pelo menos, no começo - e essa ideia a deixou nervosa. Se estava envolvida com Bellamy, isso o deixava nervoso. Mas, ainda assim, ela claramente não pertencia às Highlands, e se estava desesperada o suficiente para seguir um homem quase nu até a porta de sua casa, não poderia abandoná-la. Nem mesmo quando deixá-la ir como Boadicea na urze poderia ser a decisão mais sábia.

Tudo o que queria era impedir que algumas feras matassem seus bezerros, pelo amor de Deus, e talvez pescar um pouco. Com certeza, nunca havia pescado uma mulher Sasannach no Loch Shinaig, antes. Duncan olhou novamente para a porta. Talvez ela tivesse ido embora, afinal de contas. Isso resolveria um grande número de problemas. E tudo o que teria de fazer era não ir procurá-la.

A porta rangeu e se abriu — O senhor realmente me deixaria lá fora, no escuro e na chuva, não é mesmo?

Então, seria o caminho mais difícil. Deveria ter ficado consternado e irritado, mas Duncan se viu sorrindo ao pegar outra xícara de chá e colocá-la sobre a mesa de tábuas — Tive um palpite de que entraria se quisesse. Não ia arrastá-la para dentro. Sente-se.

Em vez de fazer isso, ela passou um momento olhando ao redor da pequena cabana. Uma cama no canto, encostada ao lado da lareira, a mesa, três cadeiras, dois armários e o canto ao lado da porta, repleto de equipamentos para arrancar e esticar as peles de veado, durante a temporada de caça. Duas janelas, uma voltada para o norte e a outra para o oeste, estavam fechadas contra o clima, e a única porta ficava em frente à lareira. Não havia mais nada lá dentro, exceto algumas peças que os antigos moradores haviam deixado para trás e que ninguém se preocupou em descartar.

— Isso é... pequeno. — disse — Se é dono de Lenox House, o que está fazendo aqui fora?

— Tivemos alguns lobos perseguindo nosso gado. Eu os tenho rastreado. — e por querer alguns dias de silêncio, mas, até que soubesse quem ela era e o que estava fazendo nas Highlands, os detalhes de sua vida em Lenox House poderiam esperar.

— Não está me enganando, está? — perguntou, preocupação cruzando suas feições — Li que não há mais lobos na Escócia.

— *Aye*, também ouvi isso. O velho MacQueen de Findhorn afirmou ter matado o último deles, há quase setenta e cinco anos. Chame-os de cães selvagens, se quiser, mas alguém está matando meu gado, e não são coelhos. Estou mais interessado em acabar com isso do que em nomear os animais que o estão fazendo.

Ela respirou fundo e assentiu — Então o senhor é realmente Duncan Lenox? E está aqui apenas para proteger seu gado?

— *Aye*. E esta é a minha terra. Estou aqui atrás de lobos, cães ou coelhos raivosos, e não lhe farei mal, *lass*. — seja o que fosse que a deixava tão nervosa, só podia tranquilizá-la com a verdade. Sentou-se em uma das cadeiras encostadas à mesa — Mas isso é tudo o que terá de mim, até que me diga algo sobre si mesma.

Serviu-se de mais um pouco de chá, o que pareceu ser a coisa menos ameaçadora que poderia fazer. Mas não precisava olhar para sua convidada para saber que ela ainda hesitava. O que quer que tenha acontecido para trazê-la até aqui, provavelmente não foi agradável. Finalmente, ela se sentou na cadeira em frente a dele — Não sei o que eu teria feito se não o tivesse encontrado, afinal. Estou bastante... perdida, na verdade. Então, obrigada.

— De nada. — Duncan empurrou o bule de chá em sua direção — Porém, isso não é muita informação. Começarei pelo que percebi, certo? Tem medo dos Fersens. Bellamy em particular. Tenho uma forte suspeita de que não estava cavalgando com amigos. Não nesse vestido. Na verdade, acho que a única verdade que disse é que está perdida.

Os lindos olhos castanhos, quase negros na luz fraca da cabana, se arregalaram — O senhor é... mais observador do que eu imaginava. — disse, depois de um momento.

— Quer dizer que sou menos estúpido do que esperava. Gostaria de me contar o que lhe aconteceu, *lass*?

— Receio que não confie no senhor o suficiente para isso, Sr. Lenox. — com a mão tremendo um pouco, serviu-se de uma xícara de chá e adicionou dois torrões de açúcar na bebida.

Rica, então, apesar de ele ter pensado assim, tanto pelo vestido quanto por seu modo de falar. Uma *lass* pobre teria ficado empolgada ao ver o açúcar e o teria usado em excesso. Essa o usava sem sequer pensar nisso. — Me chame de Duncan. — disse, e se abaixou para tirar a faca de sua bota. Antes que ela pudesse fazer mais do que suspirar, colocou-a sobre a mesa e a empurrou na direção dela, com o punho primeiro — Isso ajuda em sua confiança?

Ela passou o dedo pelo cabo liso e esculpido em osso de baleia e depois o puxou para o colo — Prentiss. — disse, com uma hesitação tão leve que ele quase não percebeu. A maneira como manteve o olhar diretamente em seu rosto o tempo todo também não o ajudou a se concentrar — Julia Prentiss.

O nome não significava nada para ele. No entanto, não passava muito tempo lendo os jornais londrinos, e muito menos lendo as páginas da Sociedade, de modo que ela poderia ser prima do Príncipe Regente e ele

nunca saberia — Bem, Srta. Prentiss, gostaria de um pouco de ensopado de coelho?

— Estou com um pouco de fome. — admitiu — O senhor mesmo cozinha?

— Aqui, eu faço. Em Lenox House, tenho uma cozinheira. A Sra. MacDavitt. — respondeu — Mas ainda não me envenenei.

— É só o senhor em Lenox House, então? Sem... esposa ou família?

— Já respondi à sua pergunta. — rebateu, levantando-se para pegar duas tigelas e colocar uma generosa porção de ensopado em cada uma delas — Conte-me uma coisa sobre sua pessoa.

— Não concordei com esse jogo.

A água começou a bater nas janelas — Tudo bem. Estou acostumado à solidão aqui, de qualquer forma. — entregando uma tigela, sentou-se novamente e comeu seu jantar.

Um momento depois, ela pegou a colher e começou a comer. Notou que ela tinha dedos longos e delicados, mãos bonitas e bem cuidadas, apesar da sujeira que havia sob as unhas. As mãos de uma verdadeira dama. Então, o que, diabos, estava fazendo sozinha, no meio das Highlands? Poderia ordenar que ela falasse, supôs, mas lhe dar um susto não ajudaria nenhum dos dois. Não, ela queria se sentir segura. E, portanto, seria paciente. Até certo ponto.

Durante vários minutos, comeram em relativo silêncio, enquanto a tempestade se intensificava, a chuva ficava mais forte e os trovões se aproximavam, como os passos de um gigante — Se eu precisasse enviar uma carta para Aberdeen, o senhor poderia me ajudar com isso? — finalmente perguntou.

Duncan continuou comendo.

— Eu lhe fiz uma pergunta, Sr. Lenox.

— Duncan. — corrigiu, e deu mais uma garfada.

Ela suspirou parecendo irritada — Poderia me ajudar a levar uma carta para Aberdeen, Duncan?

Empurrando a cadeira para trás, ele pegou uma tigela de sal e voltou a se sentar à mesa — Esta não é uma chuva suave de verão. — observou — Ainda bem que está aqui esta noite e não do lado de fora.

A Srta. Prentiss pousou a colher, sem muita delicadeza — Vai responder à minha pergunta?

— Não respondeu à minha. Eu lhe disse as regras. Foi a senhorita que não quis cumpri-las.

Seus olhos castanhos se estreitaram — E eu lhe disse que não vou jogar.

Ele não pôde evitar o sorriso que curvou seus lábios — Então, suponho que estamos em um impasse, Srta. Prentiss.



Capítulo 2



Duncan Lenox era possivelmente o homem mais teimoso do mundo. Com certeza, qualquer cavaleiro de verdade ofereceria imediatamente ajuda a uma jovem tão completamente sozinha como ela. E, no entanto, lá estava ele, sentado, devorando sua terceira tigela de ensopado de coelho e encarando-a com um maldito brilho nos olhos, como se não tivesse nada melhor para fazer do que irritá-la.

Talvez ele não tivesse nada melhor para fazer, mas ela, certamente, tinha. Julia deu um gole deliberado no chá — Sr. Lenox, preciso de sua ajuda. Isso deve ser tudo o que...

— Duncan. — ele interrompeu.

— Duncan, então, pelo amor de Deus. Preciso avisar Aberdeen, o mais rápido possível.

— E posso lhe garantir isso, assim que chegarmos a Lenox House. Depois que a tempestade passar.

— Estou disposta a me molhar para chegar à civilização. — no seu mundo, civilização significava segurança - ou pelo menos um lugar onde as pessoas conheciam as regras e se importavam com elas.

Ele bufou — ‘Civilização’. — repetiu — Em Lenox House? Sem dúvida, não é daqui.

— O que significa que tenho ainda mais urgência em levar notícias para Aberdeen. — pelo amor de Deus, se ele percebeu que não estava cavalgando, que não tinha para onde ir, que não estava vestida para as Highlands, por que também não percebeu que ela precisava de sua ajuda?

Duncan a observou, com olhos verdes claros especulativos — Alguma vez participou de um jogo chamado ‘perguntas’? — perguntou.

— A brincadeira infantil em que alguém pensa em uma coisa e os outros adivinham o que é? Sim, é claro. Mas não vou jogar com o senhor, se é isso que está sugerindo.

— De qualquer forma, vou tentar adivinhar algumas coisas e, se quiser, pode me dizer se estou certo ou não.

— Não estou brincando. — repetiu, voltando o olhar para seu delicioso ensopado.

— Estava em Aberdeen, para conhecer seu futuro marido. — disse, mesmo assim.

— Não.

— Estava em Aberdeen, — emendou — de férias.

— Está perdendo tempo. Se quiser se livrar de mim, é só me acompanhar até a Lenox House, dar-me uma caneta e papel e enviar minha mensagem.

— Estava em uma festa, — continuou, claramente com a intenção de ignorar sua interrupção — Uma elegante, com dança. Posso dizer isso porque não está usando botas de montaria ou sapatos de caminhada.

— Viva para o senhor, Sr. Duncan.

— Conheceu Lorde Bellamy nesta festa. Achou-o um rapaz bonito, então foi beijá-lo, e ele lhe prometeu uma bela vida, se o acompanhasse até Bellamy Park, e ...

— Não fiz tal coisa! — *sem nervosismo* — Pare de falar, sim?

Abruptamente inclinou-se para frente, todo traço de humor desapareceu de seus olhos — Muito bem, *lass*. Já que não me contará suas circunstâncias, eu lhe contarei as minhas. Sou aliado dos MacLawrys. A maioria deles - o chefe do clã e sua família - que não estão aqui no momento. Minha propriedade fica nas terras dos Fersen. Não gostamos um do outro, os Fersen e eu. Porém, mantenho-me longe de todas as políticas e rivalidades do clã, o melhor que posso, porque Glengask e meus parentes mais próximos estão a cerca de 11 quilômetros de distância. E porque não tenho irmãos, primos ou tios sob meu teto, para se posicionarem comigo. Tenho sob meu teto três irmãs mais novas e uma avó, que não permitirei que sejam prejudicadas ou trocadas pelo favor de ninguém. — inclinou-se ainda mais perto, fixando-a com seu olhar direto e matizado de floresta — Então agora vou perguntar novamente, Julia Prentiss. Que tipo de problema está trazendo à minha porta?

Oh céus. Ela deveria ter continuado andando. Deveria ter mantido o controle do cavalo com mais força e continuado cavalcando para... onde quer que estivesse indo. E deveria ter pedido um chapéu novo para o Natal. Então, nada disso estaria acontecendo — Eu não queria trazer-lhe problemas. — disse calmamente, o tremor que vinha perturbando seu interior nas últimas horas e dias finalmente a levou às lágrimas — Ele me encontrou. E talvez tenha sido minha culpa estúpida, mas...

Ele estendeu a mão, agarrando a mão dela. A colher que segurava caiu no tempo da mesa — O que aconteceu? — ele repetiu, sua voz mais baixa.

Tinha que lhe contar. Por mais que ele fosse relutante em ser herói, sua necessidade de ajuda permanecia. E, simplesmente, não era estúpida o suficiente para sair para a tempestade, no meio da noite, e torcer por um resgate mais entusiasmado — Eu estava em Aberdeen, — admitiu — com minha mãe e minha irmã. Estávamos lá para o casamento da minha tia. Não íamos comparecer por causa da Temporada em Londres e porque é muito longe de casa, mas eu disse aos meus pais que tudo o que queria no Natal eram férias na Escócia. Gosto muito dos escritos de Walter Scott. — piscou, percebendo que estava tagarelando.

Sua expressão, porém, não se alterou — E? — perguntou, ainda segurando sua mão.

Depois do que passou, seu aperto deveria tê-la consternado ou assustado, mas isso não aconteceu. Os dedos dele eram gentis e sabia que poderia se afastar se quisesse. Um toque reconfortante... Talvez estivesse sendo tola, mas era bem-vindo.

— Depois do casamento, os pais do marido da minha tia deram uma grande festa. Lorde Bellamy e muitos outros colegas estavam lá. Eu conhecia Lorde Bellamy, de Londres e, por isso, quando ele me convidou para dançar, concordei. Sempre foi muito agradável e mesmo tendo uma certa reputação de ser um caçador de fortunas, parecia... bastante inofensivo. — franziu a testa — Nem pensei nisso. Foi simplesmente bom ver alguém que eu conhecia.

Júlia pigarreou. Qualquer que fosse a estupidez que a trouxera até aqui, era tarde demais para fazer algo a respeito. Agora, precisava sair dessa situação — Dançamos e ele disse que foi agradável me ver ali e como o tempo estava adorável. Então ele tropeçou e disse que se sentia tonto. Eu, estúpida que sou, ajudei-o a ir até a varanda. A próxima coisa que percebi foi que alguém havia colocado um pano no meu rosto. Acordei em uma carruagem, com as mãos e os pés amarrados, e Bellamy sentado à minha frente, perguntando quanto dinheiro eu levaria para o casamento.

Duncan murmurou algo baixinho. Não conseguia entender e nem tinha certeza de que era em inglês, mas parecia bastante mortal. A mão dele a puxou para mais perto e então ele levantou um pouco sua manga. Depois de três dias sem amarração, os hematomas e arranhões começaram a desaparecer, mas ainda estavam lá — Ele a machucou? — perguntou, muito calmamente.

— Não. Quando chegamos a Bellamy Park, ele me desamarrou, me mostrou um quarto muito bonito e me disse que eu estava totalmente arruinada e que havia deixado um bilhete, dizendo que fugimos. Que me daria um ou dois dias para decidir como me comportar e então nos casaria. — deu uma risada amarga — Evidentemente ele não queria uma noiva relutante na igreja. Apenas alguém que percebeu que não tinha alternativa, se quisesse mostrar seu rosto em público novamente.

— Desgraçado.

Julia bateu com o punho livre na mesa — E teria funcionado, porque flertei com ele e as pessoas viram. E porque coloquei meu braço em volta dele, enquanto caminhávamos até a varanda.

— Mas não está casada com ele, presumo.

Ela levantou a cabeça novamente, encontrando seu olhar — Não, não estou. Decidi que preferia ficar arruinada a me casar com aquele homem e permitir que ele ficasse com um centavo do meu dinheiro.

— Bem. Fez bem, Julia. Mostrou coragem, correndo para as Highlands, sem ter para onde ir e sem ideia de onde estava.

— Não sei se foi coragem ou idiotice, mas, pelo menos, foi *minha* escolha.

— *Aye*. Mas não está sendo um presente de Natal agradável.

— Não particularmente. — então agora ele conhecia sua história. Observou seu rosto com atenção, procurando qualquer sinal de que iria ajudá-la, ou

colocá-la na chuva, ou pior, vê-la como uma oportunidade para si mesmo. Afinal, embora não tivesse dito o quão rica era, disse-lhe que um aristocrata estava disposto a sequestrá-la para reivindicar seu dinheiro. A menos que ele tivesse perdido essa parte - um ato de providência sobre o qual não estava disposta a apostar.

Abruptamente, ele se levantou — Joga xadrez? — perguntou, caminhando até um dos armários e abrindo uma porta.

— O que?

— Xadrez. Joga? — enquanto o observava, ele puxou uma tábua de madeira e uma pequena caixa e voltou para a mesa.

— Eu... um pouco, suponho. Não jogo há anos. Por que vamos jogar xadrez? Conte-lhe minha história e disse que me ajudaria se eu contasse.

Ele sorriu, enquanto voltava ao seu lugar — Bem, não vamos a lugar nenhum, esta noite. Iremos para Lenox Hoose pela manhã, se a chuva passar, e então bolaremos um plano.

Duncan percebeu por sua expressão que ela preferia que bolassem um plano esta noite, mas, pelo amor do diabo, precisava de um momento ou dois para considerar o que ela lhe contou. Qualquer que fosse a coisa covarde que Bellamy tivesse feito, o conde não era um homem que pudesse ser menosprezado. Este era o tipo de coisa que começava as guerras de clãs, um homem acolhendo a mulher de outro - quer a mulher em questão tivesse algum desejo de estar onde estava, ou não. E, claro, por trás de toda essa lógica, ele queria muito caçar Bellamy e abrir um ou dois buracos nele.

Ela continuou olhando-o com aqueles seus lindos olhos castanhos — O que? — ele finalmente perguntou, parando, enquanto montava o tabuleiro de xadrez.

— Ficaremos aqui esta noite? Nós dois?

— *Aye*. — fez uma careta — Entendo o que quer dizer, *lass*. Não tem nada a temer. Pode ficar com a cama. Ficarei sentado, só para garantir.

— Quer dizer, caso Bellamy venha me procurar aqui. — a expressão dela não mudou; o pensamento já lhe havia ocorrido, então — Qual a probabilidade de isso acontecer?

— Não tenho ideia. Há muita terra entre Bellamy e aqui, mas acho que ele preferiria procurar em lugares mais óbvios, porque é mais fácil. E porque tem uma tempestade lá fora.

Ela assentiu, e outra mecha de seu cabelo ruivo desceu do coque desgrenhado no topo da cabeça — E um homem que sequestra uma mulher, em vez de realmente tentar cortejá-la, preferiria o caminho mais fácil.

— Precisamente. — gostou do fato dela ter uma tendência lógica em seu pensamento; a maioria das outras *lasses* entraria em pânico novamente ou teria desistido quando perdesse o cavalo. Se tivessem tido a coragem de fugir.

— E se ele vier?

Duncan respirou fundo. O que desejava fazer não estava nem perto de ser o curso de ação mais sábio, mas precisava usar o cérebro em vez dos punhos —

Honestamente, eu preferiria não ter que lutar com ele. — disse em voz alta — Quando dois homens de... clãs hostis entram em uma briga, aqui, isso pode ter ramificações.

— Então, simplesmente me devolverá para ele? — levantou-se, a cadeira caindo para trás e a faca que ele lhe dera na mão direita — Não permitirei isso!

— Talvez me deixe terminar o que estava dizendo, antes de me espetar, Julia. Se não se importa.

— Eu não o espetaria. Eu esfaquearia a *ele*.

Não pôde deixar de sorrir com isso — Estou totalmente tranquilo, então. — movendo-se lentamente, na esperança de que ela esquecesse o que acabara de dizer e o esfaqueasse, de qualquer maneira, levantou-se e caminhou em direção à cama. Pegando o pequeno estribo nas mãos, empurrou a coisa para o lado.

A palha cobria o chão ali, como em todos os outros lugares. Afastando-a um pouco, encontrou a marca no chão, enfiou os dedos nela e a levantou — Se ele vier visitar, irá se esconder aqui. Não vou sugerir que passe a noite aqui, porque é um pouco apertado. E escuro.

Ela caminhou até onde ele estava agachado e se inclinou para olhar dentro do buraco escuro, forrado de madeira, do tamanho da cama que o escondia — Por que tem um buraco de padre no chão?

— Meu bisavô e a maioria de seus filhos eram jacobitas. Então, suponho que seja um buraco jacobita. Se algum soldado *Sasannach* aparecesse, a maioria dos habitantes teria um lugar para esconder os belos seguidores do Príncipe Charlie, se necessário.

Ela assentiu, colocando a mão em seu ombro, enquanto se aproximava — Bellamy saberia disso?

— Duvido. O buraco está aí há quase cem anos. Mandeí consertá-lo porque... Bem, porque sou um rapaz cauteloso e tenho irmãs. — podia sentir a risada dela através de sua mão. Isso enviou um calor interessante por baixo de sua pele. Severamente afastou a sensação. Ela, provavelmente, já seria problema suficiente, sem adicionar luxúria à mistura.

— O buraco é para escondê-lo ou a elas?

Ele largou a cobertura de madeira, espalhou a palha solta para mostrar a ela como estava bem escondida e colocou a cama de volta no lugar — Elas sabem de sua existência, então, não me faria muito bem. Mas, algumas vezes, fiquei tentado.

— Quantos anos elas têm? Quero dizer, suas irmãs. — perguntou, seguindo-o de volta à mesa.

— Sorcha tem dezesseis anos, Bethia tem treze e Keavy tem apenas nove. Sorcha se transformou em uma *banshee* há cerca de um ano, então. acho que ainda tenho um ou dois anos de bom senso de Bethia e, espero, meia década de Keavy.

Quando ele terminou de arrumar as peças de xadrez e olhou para sua

convidada, a *lass* sorria para ele — Gosta muito delas, não é? — disse.

— São minhas irmãs. Eu as amo. Vão me deixar louco como um chapeleiro e com cabelos brancos como um coelho de inverno, mas elas, e a vovó Maevis, são minha única família.

— Acho que tive mais sorte hoje do que jamais imaginei. — disse, depois de um momento, seu sorriso desaparecendo — Estou bem ciente de que poderia facilmente ter tropeçado em outro Hugh Fersen ou sua turma. Obrigada, Duncan Lenox.

— Não me agradeça, até estar segura com sua família. — percebeu que estava olhando para sua boca e pigarreou, empurrando a prancha em sua direção — Brancas ou pretas?

— Pretas. — ela respondeu, virando o tabuleiro de xadrez para que as peças de madeira pintadas de branco ficassem alinhadas na frente dele e as pretas na sua.

Ele deslocou um peão e recostou-se para observá-la. O que faria com ela? A coisa mais fácil e segura para ele e suas irmãs seria devolver Julia Prentiss a Bellamy. No entanto, um homem com irmãs teria que ser amaldiçoado para fazer tal coisa. Só a ideia de alguém arrastar uma de suas lindas garotas o deixava doente e irritado. *Nae*, não com raiva. Furioso e de sangue fervendo, mais provavelmente. E, surpreendente ou não, foi fácil sentir a mesma emoção quando imaginou essa *lass* nas mãos de Bellamy.

A próxima melhor opção seria colocá-la em outro cavalo e acompanhá-la de volta a Aberdeen, imediatamente. Isso, porém, deixaria Lenox House vulnerável, caso Bellamy viesse procurá-la - ou uma noiva substituta, se estivesse suficientemente frustrado. Lorde Glengask teria ajudado, se não estivesse em Londres, perseguindo sua irmã mais nova. Urso MacLawry era uma possibilidade, mas o irmão mais novo de Glengask tinha tanta probabilidade de começar uma briga com Bellamy quanto de resolver a situação.

Nae, fazê-la enviar uma carta, pedindo que seus parentes viessem buscá-la, e mantê-la escondida enquanto isso, era a única solução que fazia algum sentido. E não tinha nada a ver com o fato de ser bonita como o verão e ainda por cima corajosa. Não tinha nada a ver com o fato de que estava provavelmente arruinada, e que ele não estava... satisfeito com a ideia de mandar embora uma mulher tão inesperada. Era, simplesmente, a coisa certa a fazer.

— Acredito que é sua vez, Duncan. — disse, tirando-o de seus pensamentos.

E era. Ele deslocou outro peão, formando uma parede, e, por um tempo, sentaram-se, brincaram e conversaram sobre nada mais urgente do que o tempo e os casamentos escoceses. Ela provavelmente poderia usar o tempo para organizar seus próprios pensamentos, e o diabo sabia que ele também tinha algumas coisas a considerar. Era uma péssima jogadora, mas não se importava muito com isso. Quando jogava contra Keavy, garantia que ela

ganhasse com frequência suficiente, para evitar que desanimasse.

— Disse que estava aqui com sua mãe e irmã. — finalmente perguntou — E seu pai?

— Ficou em Londres durante a temporada. É... um visconde. Lorde Prentiss. Então teve que comparecer ao Parlamento. E disse que, embora a Escócia pudesse ser minha ideia de presente, ele preferiria uma casa tranquila por algumas semanas. — olhou do tabuleiro de xadrez para ele — E seus pais? Disse que tinha uma avó.

— Sim. Vovó Maevis. Ela é a mãe do meu pai. Meus pais morreram há cerca de sete anos, quando a febre apareceu durante um inverno.

— Oh, meu Deus. Eu sinto muito.

Duncan encolheu os ombros, observando os dedos dela mexerem em uma torre — Eles foram juntos, como teriam desejado. E eu já tinha vinte e dois anos, então as *lasses* tinham alguém para cuidar delas. — na época não tinha sido tão circunspecto, mas ela não precisava saber disso. Quando ela moveu um peão para bloquear o cavalo, ele respondeu com um bispo — Quantos anos tem sua irmã?

— Elizabeth? Tem dezesseis anos. Essa é a única coisa pela qual sou grata: Bellamy não a raptou e sim a mim. Ela ainda poderá fazer sua estreia, dançar e flertar, como qualquer jovem deseje.

— Mas nada disso lhe sobrou? Tem o quê, dezenove? Não está na prateleira, *lass*.

— Tenho vinte e um anos e estou desaparecida há cinco dias. Fui vista pela última vez na companhia desacompanhada de um homem solteiro. Havia também a carta de fuga, que ele deixou em meu nome. Não podemos esquecer isso. — seus dedos se curvaram ao redor da torre, como se quisesse sufocá-la até a morte.

Difícilmente poderia culpá-la por isso — Mas se gritar para o mundo que foi levada contra sua vontade, isso não fará diferença?

Julia fez uma careta, liberando a torre em favor de um cavalo — Para alguns, talvez. Ainda posso me casar por causa do meu dote. Mas serei olhada de soslaio e sussurrada, e outras damas não me convidarão para o chá. — uma lágrima escorreu por uma bochecha e a enxugou — Posso controlar a bisbilhotice, desde que não machuque Elizabeth.

— Não deveria ter que administrar isso. Não fez nada disso, pelo amor de St. Bridget.

— Isso, Duncan, realmente não importa. Obrigada por dizê-lo, no entanto. — pegou um cavaleiro negro e lhe mostrou — Alguma vez imaginou que seria um, hoje?

Ele riu — Um cavaleiro negro? Não é um cavaleiro branco?

Ela retribuiu o sorriso — Bem, estava nu quando o encontrei.

— *Aye*. Estava. — encontrando seu olhar, ele mudou outra peça de xadrez. Com toda a honestidade, não tinha certeza de qual era ou se a mudança era permitida.

A porta atrás dele sacudiu, a parede inteira estremeceu, sob um punho duro.

Deus do céu. Ele pulou e Julia respirou fundo, como se pensasse que poderia ser a última vez — Está barrado. — lembrou-a, pegando as peças de xadrez e jogando-as de volta na caixa. Agarrando os dois e o tabuleiro, foi até a cama e empurrou-o para o lado, depois levantou o alçapão e jogou as peças do jogo no buraco — Entre. — sussurrou, pegando os dedos dela para ajudá-la a descer. Tremeram em sua mão grande e ele apertou um pouco. Entregou-lhe a tigela quase vazia de ensopado e a xícara de chá, depois lhe sorriu encorajadoramente.

A visão de grandes olhos castanhos olhando-o enquanto a fechava na escuridão ficaria com ele para sempre, pensou, espalhando palha e afastando a cama. Quando uma batida mais forte e insistente começou na porta, empurrou as cobertas para trás, tirou a camisa e a jogou na cadeira que Julia ocupava há pouco. Então tirou uma bota, bagunçou o cabelo e foi até a porta.

— Dooley, eu lhe disse para... — parou quando Hugh Fersen, o Conde de Bellamy, olhou para ele — Bellamy? Que, diabos, está fazendo aqui?

— Vimos sua luz. — afirmou o conde, enxugando a chuva do rosto — Podemos entrar?

Duncan franziu a testa — Quem somos '*nós*'? — perguntou, dando um passo para a direita e bloqueando completamente a entrada com seu corpo. A figura atrás de Bellamy deu um passo à frente e um sussurro de inquietação percorreu a espinha de Duncan — Orville. — disse, balançando a cabeça.

Orville Fersen, primo de Bellamy, sorriu friamente, a expressão fraturada por um nariz que havia sido quebrado pelo menos duas vezes — Passamos por Lenox House há pouco. — disse em sua voz baixa e arranhada — Disseram que estava aqui.

Eles foram a Lenox House. Onde suas irmãs estariam dormindo. E ele estava aqui, a cinco quilômetros de distância — Por que está me procurando? — perguntou, sem sair de seu lugar — Deve ser perto da meia-noite.

— Está chovendo, Lenox. Podemos entrar? — Bellamy repetiu.

— Não sou seu amigo, Bellamy. Ou de qualquer um dos Fersen. E como estou aqui caçando algo que está matando meus animais, e tenho uma certa suspeita de que esteja por trás disso com seus cães, Orville, pode muito bem ficar parado na chuva, até que um raio o atinja e morra.

— Quer apostar nisso, Duncan? — Orville se aproximou, sua mão indo para a cintura. Uma adaga, sem dúvida. E a dele estava no buraco, com Julia.

— Já chega, primo. Afinal, estamos aqui por ajuda Lenox.

— É mesmo? — Duncan retrucou — Como pode ser isso?

— É um pouco embaraçoso, na verdade. — disse Bellamy, seu sotaque desbotado dizendo a Duncan que o conde havia retornado recentemente da Inglaterra, mesmo que não estivesse bastante ciente das idas e vindas de Hugh — Parece que perdi algo.

— *Aye?* Posso ter uma ou duas ovelhas perdidas, mas não acho que isso o traria aqui. Orville poderia cuidar de suas ovelhas. E à luz do dia.

— Parece que ovelhas seriam *do seu* interesse, Lenox. — retrucou Orville Fersen, rindo.

— Não importa. — interrompeu o primo — Eu... Bem, estou casado. E a jovem é...

— Está casado? Meus parabéns, Bellamy. Eu não fazia ideia.

— Sim, bem, foi arranjado, e temo que minha noiva tenha sido bastante... protegida. Tímida. Fugiu de Bellamy Park, esta tarde, e temo que algo ruim tenha lhe acontecido.

Duncan ergueu uma sobrancelha — Ela fugiu? Mostrou-lhe seu pau e a coisa enorme a assustou?

Bellamy riu, o som forçado — Algo parecido. Independentemente disso, estou preocupado e preciso encontrá-la. Viu uma dama inglesa nas últimas horas?

— *Nae*. E acho que isso seria algo que eu lembraria. Quer que eu vá com alguns dos meus rapazes e o ajude a procurá-la? Diz que ela é uma *Sasannach*? As Highlands não são lugar onde um estranho desapareça.

— Eu posso gerenciar a busca. Quero permissão para vasculhar o vale aqui. E sua cabana.

Duncan não se incomodou em esconder a carranca — Pode vasculhar o vale. Se eu souber que passou por Lenox House na minha ausência, teremos um desentendimento. Não permitirei que Orville fique boquiaberto com minhas irmãs.

— Está preocupado em não encontrar outro homem para competir comigo?

— Estou preocupado que lhes dê pesadelos e que eu não consiga casá-las pelo trauma. — Duncan colocou um dedo no peito molhado de Bellamy — Revistou minha casa na minha ausência? — perguntou, muito uniformemente.

— Dei uma rápida olhada em seus quartos vagos, — respondeu o conde — na companhia de seu mordomo. Orville esperou do lado de fora com os cavalos. Eu sei que ambos estão... em desacordo.

— Isso é alguma coisa, então. — Duncan admitiu a contragosto, e deu um passo para o lado, permitindo-lhes entrar na cabana — Tenho uma objeção a que me chame de mentiroso quando digo que sua *lass* não está aqui. Mas sei que julga um homem pelo seu próprio caráter, então permitirei que dê uma olhada. Desta vez.

— Cuidado, Lenox. Isso quase soou como um insulto.

— Era para ser.

Os dois homens entraram, sacudindo a chuva no chão de terra, enquanto tiravam os sobretudos e os chapéus. Bellamy entregou suas roupas a Orville, que lançou um olhar furioso para seu nobre primo e depois pendurou as coisas pingando nos pinos de madeira, cravados na parede ao lado da porta.

— Não acho que vá ficar, Bellamy. Disse que estava aqui para encontrar sua *lass*. Dê uma olhada e vá embora. Não os hospedarei, esta noite.

— Por que tanta pressa em se livrar de nós? — Orville perguntou.

— Porque já me chamou de mentiroso uma vez, e não gosto de nenhum dos dois. E porque tenho trabalho a fazer pela manhã e está me mantendo acordado.

O primo do conde lançou um olhar avaliador para o quarto individual e depois para Duncan. — então dorme com seu kilt, não é?

— *Nae*. Eu durmo nu. Mas então alguém bateu na minha porta e me acordou. Alguma outra pergunta estúpida que queira fazer?

Enquanto mantinha Orville olhando para ele com raiva, o conde fez um show abrindo os armários e olhando através dos cobertores e debaixo da cama — Alguém poderia ter entrado aqui enquanto estava caçando?

— E se esconderam no armário? Está procurando uma mulher ou um rato?

— Isso não é divertido. E prefiro ficar longe da chuva, esta noite. — disse Bellamy distraidamente, enfiando a colher nos restos de ensopado do caldeirão — Poderíamos vasculhar o vale ao amanhecer.

— Não me importo com o que prefere. — retrucou Duncan. Eles poderiam passar a noite no chão, mas isso significaria que Julia teria que ficar no buraco negro por mais quatro horas, com Bellamy roncando confortavelmente, a apenas alguns metros de distância. Depois do que ela já tinha passado, não estava disposto a submeter a lass a isso — Pode ver que ela não está aqui. — colocou uma expressão preocupada no rosto — Realmente acha que ela está fora com esse tempo? Ela poderia morrer. Afinal, o que, diabos, a fez fugir?

— Isso é problema meu, Lenox. E, para seu próprio bem, é melhor não mentir para mim.

Com muito esforço, Duncan manteve a expressão impassível — Não sei por que continua lançando ameaças em minha direção, Bellamy. Não lhe dei nem um olhar de reprovação.

— Sim, é excelente em diplomacia, Lenox. Se sua bisavó fosse uma Campbell, em vez de uma MacLawry, imagino que seríamos amigos.

Duncan não imaginava nada disso. Sabia que Bellamy era arrogante e prepotente e, se não fosse pelas consequências, poderia lhe ter dito isso em várias ocasiões. Se havia um homem que precisava de um bom soco no focinho, esse homem era Hugh Fersen — Já que estamos tão próximos da amizade, — disse em voz alta — talvez possa me dizer por que acha que sua esposa estaria escondida em uma de minhas casas.

— O cavalo que ela roubou voltou ao meu estábulo há duas horas, sem ela a bordo. Ela está em algum lugar por perto, e tem algum lugar por perto aqui.

A cada momento, Duncan se via mais impressionado com Julia Prentiss. Por mais que Bellamy tivesse conseguido se aproveitar de sua bondade para pôr as mãos nela, ela havia escapado por conta própria, à custa do orgulho do conde, que havia ido a um clã rival para encontrá-la. Isso, porém, não era importante — Disse que ela roubou um de seus cavalos? Deve ter sido um susto e tanto o que deu a ela.

— Um simples mal-entendido, e não é da sua conta. — Bellamy afundou na beira da cama — Quantos anos tem aquela sua linda irmã de cabelos

pretos? Sorchá, eu acho?

— Não acabou de dizer que era casado?

— Eu sou, sim. Mas Orville não é.

— Se Orville piscar para Sorchá, eu lhe tiro o olho. E, depois, vou arrancar o outro, para que não volte a fazê-lo.

O conde lançou um olhar para Duncan, que ainda estava parado, perto da porta aberta. — O que aconteceu com sua diplomacia? — perguntou, com um sorriso cínico tocando seus lábios finos.

Duncan inclinou a cabeça — Pergunte-me mais sobre minhas irmãs e descubra. — esse era seu limite. E se Bellamy ainda não havia percebido isso, já estava na hora de perceber.

— Esse ensopado tem um cheiro muito bom, Lenox. — comentou Orville — Eu gostaria de comer uma tigela dele, antes de irmos para a tempestade novamente.

— Um bardo tem que cantar para comer. — respondeu Duncan. Diga-me por que seu primo se casou com uma *lass*, levou-a para Bellamy e depois a fez fugir, e talvez eu considere isso digno de um ensopado.

— Ela veio aqui primeiro, e depois eu pedi ao padre Duggan que nos casasse. — Bellamy retrucou — Ela é estúpida e inconstante, mas, como eu disse, foi tudo combinado. Eu a terei de volta, em minha cama, e não fugirá novamente.

Esse era o Bellamy que Duncan conhecia melhor. E decidiu que, a essa altura, ele já estaria se sentindo irritado e incomodado — Parece que os dois se divertirão muito, juntos. Mas, ficar latindo para mim sobre suas próprias deficiências, não lhe rende nem mesmo um rabanete. Sua esposa tímida não está aqui e está começando a empestear minha cabana. Saiam daqui. Agora.

— E se decidirmos ficar? — perguntou Orville, mexendo no ensopado.

Duncan deu um passo para o lado e pegou seu rifle de trás do armário — Eu diria que isso seria um erro.

Bellamy estreitou os olhos — Não há necessidade de violência, Lenox.

— Estou sendo cauteloso, Bellamy. E não quero que fique aqui tomando meu café da manhã, enquanto sua esposa está na chuva, esperando por um resgate.

— Foi a Srta... minha esposa quem fugiu. Ela pode passar uma noite molhada e com fome, se isso a fizer ver a razão. — retrucou o conde, recuando em direção à porta. — E espero que fique de olho aberto e me informe imediatamente se a vir.

— *Aye*, eu o informarei, só para que não tenha motivo para vir e interromper meu sono novamente. — Duncan concordou, mas se absteve de comentar o deslize de Bellamy.

Os dois homens vestiram seus casacos molhados novamente. Orville colocou seu chapéu encharcado e caído sobre as orelhas, mas parou na porta para encarar Duncan novamente — Não vai perguntar como ela é?

— Imagino que, se eu visse uma *lass* estranha, fugindo a pé pela urze, seria

ela, mas pode me dizer se quiser. — Duncan segurou a porta, pronto para batê-la no momento em que cruzassem a soleira.

— Ela tem cabelos castanhos e... olhos verdes, eu acho. Ou talvez marrons. — o conde, que já estava fazendo cara feia para a chuva, franziu a testa — E não, não me lembro. Foi um...

— Lembro que me disse isso, uma ou duas vezes. — nae, ela não tinha cabelos castanhos nem olhos verdes. Duncan poderia ter estado na companhia dela por pouco tempo, mas sabia disso. O cabelo da Srta. Prentiss era mais parecido com o pôr do sol, com um traço de castanho-avermelhado, que se transformava em bronze polido no crepúsculo. E seus olhos eram de um marrom doce e rico.

— E ela estava usando um vestido azul. — acrescentou Bellamy.

— Se eu a vir, mandarei avisá-lo. Ou quer que eu a amarre em um cavalo e a entregue pessoalmente?

— Não há necessidade de assustá-la ainda mais. Apenas me avise se a vir. — disse o conde, um pouco rápido demais. Como se não quisesse que ninguém falasse com sua suposta noiva.

De qualquer forma, Duncan não estava disposto a comentar mais sobre esse assunto — Avisarei. — *seu maldito bastardo mentiroso*, acrescentou ele silenciosamente, e fechou a porta para os intrusos e a tempestade selvagem lá fora.



Capítulo 3



Julia se perguntava quanto tempo uma pessoa poderia sobreviver sem respirar. Seu cotovelo coçava, um fio de cabelo solto fazia cócegas em seu nariz e, ainda assim, permaneceu deitada, imóvel, com os dedos segurando a caixa de peças de xadrez, como se fosse uma armadura.

As vozes acima dela estavam apenas um pouco abafadas; podia ouvir cada palavra que os três homens diziam. Conseguia imaginar suas expressões tão facilmente, como se estivesse entre eles; Bellamy estaria com o rosto vermelho, o queixo erguido porque alguém ousara interferir em seu pequeno plano perfeito. Orville Fersen, com seus olhos estreitos e cínicos, estaria procurando por ela, com os sentidos aguçados de um cão de caça. E Duncan Lenox estaria impassível, irritado com a intrusão, sem dar qualquer sinal de que a havia escondido literalmente sob os pés dos outros homens.

Quando ele insultou Bellamy, ela até sorriu; queria tanto dizer ao conde exatamente o que pensava dele e de seus negócios, e somente a percepção de que se beneficiaria mais caso se comportasse, a impediu de fazê-lo. Também gostou da maneira como Duncan defendeu suas irmãs. Isso certamente falava bem a seu respeito. Na verdade, viu-se ouvindo principalmente a voz dele, suas respostas rápidas e ponderadas e a maneira como aproveitava todas as oportunidades para apontar a diferença entre um verdadeiro cavalheiro e o que quer que Bellamy fosse.

Depois que a porta se fechou, a cabana ficou muito silenciosa. Será que Duncan estava desejando tardiamente ter escolhido um curso de ação diferente? Sabia, tão bem quanto ele que, quanto mais tempo permanecesse em sua companhia, maior seria a probabilidade de sua participação em tudo isso ser descoberta. Então, a cama acima dela se mexeu, a tábua rangeu e a luz do fogo entrou em seu buraco negro.

— Desculpe-me por tê-la mantido aí dentro por tanto tempo. — disse, ajoelhando-se na beirada e estendendo as duas mãos para ela — Se eu tivesse atirado neles, mais pessoas teriam vindo fazer perguntas.

Ela segurou suas mãos, com seus dedos quentes envolvendo os dela, e deixou que a ajudasse a sair de seu esconderijo — Não sei se é um elogio, Duncan, — respondeu, sorrindo — mas é um excelente mentiroso.

Ele inclinou a cabeça e se levantou ao lado dela. Estava novamente de peito nu, com os cabelos desgrenhados e sem uma bota. Totalmente delicioso, decidiu a parte mais baixa de sua mente. E totalmente desejável.

— Eu não mentiria para ninguém com um pingo de honra., — disse ele. — Então, me elogie o quanto quiser.

Seus olhos verdes, mais escuros à luz do fogo, encontraram o olhar dela diretamente. E lá estava ela, com um vestido arruinado, um coque desastroso no cabelo e palha nos sapatos. Uma mulher totalmente arruinada que, por um golpe de sorte cego, havia perdido seu cavalo na frente do único homem das Highlands que não apenas poderia ajudá-la, mas que havia concordado em fazê-lo. Com grande risco para si mesmo.

Antes que pudesse perder a coragem, Julia colocou a mão em seu ombro nu, inclinou-se e o beijou na boca. Sentiu sua surpresa e, por um segundo, ficou preocupada que a afastasse. Será que perderia seu salvador?

Será que ele pensaria que estava comprando a proteção dele com seu corpo? Seus lábios provocaram os dela, quentes e convidativos. Uma terra estrangeira, um quase estranho, uma cabana em ruínas, uma fogueira quente e uma tempestade estrondosa lá fora. Talvez nada disso fosse real. Talvez estivesse realmente de volta em sua própria cama, em Wessex, sonhando o melhor sonho de Natal de sua vida. Talvez não quisesse acordar. Não por algum tempo, pelo menos.

— *Lass*, não precisa...

— Eu quero. — respondeu, entrelaçando os dedos nos cabelos negros dele e puxando seu rosto para mais um beijo — Estou arruinada, seja qual for a história que eu escolher contar. E eu.... eu o quero, Duncan. Nós nos conhecemos quando não deveríamos ter nos conhecido. E, esta noite, eu... sinto que um pedaço de sorte tão precioso não deve ser desprezado.

— Não me conhece, Julia. — retrucou, sentando-se na cama desalinhada, com ela aninhada em seu colo. E, apesar de suas palavras, inclinou-se para tomar sua boca novamente.

Ele se mexeu embaixo de sua bunda, e ela respirou rapidamente, excitada — Sei que é honrado. Sei que ama sua família. Sei que está disposto a se dar muito trabalho para ajudar uma estranha.

— Não para uma estranha. — disse asperamente, tirando os poucos grampos que restavam em seus cabelos e deixando-os cair sobre a lareira - ainda consciente de que poderia ter de escondê-la novamente — Para Julia Prentiss. Faça isso por sua causa. É uma *lass* extraordinária, sabe.

— Nunca pensei assim. — arrepiada, passou os dedos suavemente pelo peito nu dele. Sua pele era quente, aveludada, sobre músculos de ferro. O corpo de um homem que não ficava sentado em clubes o dia todo, pedindo faisão e falando sobre gravatas.

— Acredito que a maioria das pessoas que se consideram incríveis geralmente não o são. — mexeu-se, passando a boca por sua garganta e mordiscando sua orelha — É a última coisa que eu esperava em minha vida, Julia. Quando fecho os olhos, não tenho nem certeza de que isso não é um sonho. Eu quero tê-la. Se tiver uma ideia diferente, é melhor me dizer, antes que eu tire meu kilt novamente.

Ela riu, sentindo-se sem fôlego novamente, mas com a excitação acelerando, como a cascata do rio lá fora — Sinto o mesmo, Duncan... — mas, sonhando ou não, ainda havia Lorde Bellamy lá fora. Deu uma olhada para a porta. Estava trancada novamente, com uma barra resistente impedindo a entrada do mundo lá fora. Que bom. Não queria que nada que viesse de lá entrasse aqui. Não esta noite. Nunca, de fato.

Duncan seguiu seu olhar — Tire esse vestido, *lass*. — disse, levantando-a do colo — Ninguém entrará aqui novamente esta noite.

Levantando-se, primeiro jogou outra tora no fogo, depois foi até a porta e enfiou uma das cadeiras embaixo do trinco, para garantir a segurança.

— A última vez que esta porta foi trancada foi contra o exército Sasannach. — disse, encarando-a novamente — Agora o faço para manter uma *lass* inglesa a salvo dos Highlanders. — com um sorriso, ele puxou a ponta de seu kilt e lentamente o desenrolou da cintura, deixando-o cair em uma longa cauda xadrez, no chão.

— Nem todos os Highlanders. — murmurou, levantando-se para desabotoar a parte de trás do vestido. Ao sair do lago, ele tinha sido impressionante. Agora, quente e excitado, ele era simplesmente... magnífico.

— Deixe-me ajudá-la com isso. — aproximou-se por trás dela, abrindo os últimos fechos. Lentamente, baixou-lhe as mangas pelos ombros, beijando-lhe a pele, à medida que avançava.

Julia fechou os olhos, gemendo com o prazer da sensação. Por um instante, perguntou-se o que teria acontecido, se ela não tivesse escapado de Bellamy, mas, com a mesma rapidez, afastou esse pensamento. Esse não era Hugh Fersen. Era Duncan Lenox, e foi convidado. Era bem-vindo.

Os dedos dele passaram por seus seios desnudos e ela abriu os olhos novamente, assustada. Baixando o olhar, observou-o fazer isso novamente, sentiu as palmas das mãos dele se fecharem sobre seus mamilos — Oh, meu Deus! — ofegou.

— Gosta disso, *lass*? — ele sussurrou, beijando sua nuca.

— Sim. Aye.

Duncan riu, o som ressoando em seu próprio peito — Não está debochando de mim, não é, Julia Prentiss? — perguntou ele, enfiando uma das mãos por dentro de seu vestido, onde ele caía na cintura, e tocando aqui... ali.

Ela guinchou, dando um pulo. Ninguém jamais a havia acariciado tão intimamente. E não conseguia escapar da sensação de que jamais desejaria que outra pessoa o fizesse. Jamais. Pelo amor de Deus, mal se conheciam, mas isso... ele... parecia que era para ser assim. Nunca acreditou em amor à primeira vista, mas aqui estava ela. Com Duncan Lenox. Nua.

— Se estiver ficando nervosa, precisa me dizer, *lass*.

— Não estou nervosa. Só não quero acordar.

Ele parou com os dedos e voltou a se posicionar na frente dela — Não sei o que é isso, — murmurou, passando um dedo por seu esterno — mas eu gosto. Magia das fadas, ou algo do gênero. É o que minhas irmãs diriam. Ou talvez

esse não seja seu presente de Natal, mas o meu. — dando de ombros, inclinou-se para capturar sua boca novamente, colocando as mãos em sua cintura e empurrando o vestido até o chão.

Magia das fadas. Gostou do som disso. Na companhia dele, as Highlands não pareciam tão distantes de casa. Desde que o conhecera - céus, fazia apenas oito horas? - sua queda no desespero, no caos e na ruína havia parado de vez. E, independentemente do que acontecesse amanhã, esta noite queria saber como era estar nos braços dele. Com ou sem magia das fadas. Se ele era parte de seu presente de Natal, bem, talvez a Escócia não fosse um desastre tão grande quanto havia começado a pensar.

Julia colocou as mãos no peito dele e empurrou. Imaginou que poderia mover uma parede com mais facilidade, mas, com um sorriso, ele deu um passo para trás e afundou na cama, puxando-a para cima dele — *Neo-àbhaistiche bean-uasal*. — disse, rindo, enquanto passava as mãos pelas costas dela até as nádegas, puxando-a contra ele.

— O que isso significa? — queria abraçá-lo, tocá-lo e se mover contra ele, tudo ao mesmo tempo, mas se contentou em morder a linha dura de sua mandíbula.

— Eu disse que é uma dama incomum. — respondeu, seu pulso acelerando sob os lábios dela.

— Apenas uma que está feliz por estar viva. E livre.

Duncan sorriu e, no momento seguinte, ela estava envolvida em seus braços e presa sob ele. As razões que poderia lhe dar para querer estar aqui talvez não fizessem muito sentido ou soassem como se ela estivesse meramente agradecida a ele. No entanto, por dentro, o desejo de estar com ele parecia mais... necessidade do que gratidão. No entanto, se dissesse algo tão absurdo em voz alta, ele provavelmente fugiria gritando pela noite. E não era isso que queria.

Enquanto a beijava, sua mão se moveu entre eles novamente. Um dedo se enroscou deliciosamente em seu interior, e ela se sacudiu, gemendo novamente — Lass de cabelos ruivos, — ele soprou, provocando-a com dois dedos agora, beijando-a no mesmo ritmo do movimento de sua mão — venha para mim.

Ela não tinha certeza exata do que isso significava, mas a tensão doce, de tirar o fôlego, que percorria seu abdômen, se apertou até que não conseguiu fazer nada além de se segurar nos ombros dele e se arquear contra ele. Deve ser disso que ele estava falando, disse a pequena parte funcional de sua mente. E então, com uma onda pulsante de sensações, se despedaçou.

— Oh, oh! — estremeceu, cravando os dedos nele — Oh meu Deus. Foi isso que quis dizer?

Duncan riu novamente — *Aye*. E eu também gostaria de brincar agora, se não se importar.

Assentindo, acomodou-se de costas novamente enquanto ele lhe afastava os joelhos. Em seguida, substituiu os dedos pelo pênis, deslizando lenta e

profundamente dentro dela, até que, com uma dor rápida e aguda, enterrou-se completamente.

— Está bem? — ele murmurou, inclinando-se para o lado, para pegar seu seio esquerdo com a boca e tocar o mamilo com a língua.

Ela levou um momento para recuperar o fôlego. Assentiu para ele, tremendo deliciosamente, mais uma vez. Ele começou a se mover, deslizando, com uma lentidão extraordinária, para fora e para dentro novamente. Seu calor a envolvia, por fora e por dentro, quente e seguro e muito, muito excitante. Queria memorizar tudo dele - o jogo de músculos sob a pele, seu peso sobre ela, a curva de sua boca quando lhe sorria, as manchas âmbar em seus olhos verdes profundos, quando encontravam seu olhar. E a forma como se encaixavam, perfeitamente, um no outro.

O ritmo dele aumentou, e ela se apertou por dentro novamente, cravando os dedos em seus ombros, enquanto aquela onda a inundava, mais profunda e mais longa do que antes. Com um gemido, ele se apertou contra ela, depois a beijou ardentemente e com a boca aberta antes de encostar a testa em seu ombro.

— Bem. — ele murmurou, beijando sua pele macia e esperando que o que quer que fosse - realidade, culpa, desânimo - entrasse em seu coração.

Em vez disso, Duncan queria repetir a experiência, o mais rápido possível. Afastou-se dela, virando-se de costas e sentando-se para puxar os cobertores pesados sobre eles, enquanto ela se enroscava ao seu lado.

— Bem. — respondeu no mesmo tom — Deu a uma dama arruinada uma medida muito alta para comparação.

Duncan franziu a testa — Quer ir embora e me comparar, então?

Os músculos das costas dela ficaram tensos sob a mão dele — Não foi isso que eu quis dizer. — levantou a cabeça de seu ombro, com os olhos castanhos sérios — Isso... não estou lhe pedindo nada, Duncan. Não vou chorar e declarar que me despojou, porque Bellamy fez isso quando me arrastou para as Highlands. Expressei-me mal, é claro, mas...

— Entendo o que quer dizer, *lass*. — interrompeu — Eu só não esperava por isso. — apesar de ela ter sido tão extraordinária até aquele momento, ele provavelmente deveria ter esperado esse tipo de declaração — Foi um 'obrigado por uma noite agradável, mas não espero mais nada de sua parte'.

— Sim, exatamente. — com um sorriso satisfeito que o fez se mexer novamente, encostou-se nele.

— Diga-me uma coisa, Julia Prentiss. Tinha um pretendente em Londres?

— Não propriamente. — respondeu, com a voz mais lenta, à medida que relaxava — Vários cavalheiros se ofereceram para mim, mas eu não... Bem, nunca senti o desejo de estar com eles, como senti contigo. Como sinto. — seus dedos percorreram círculos ociosos no peito dele, a sensação íntima e surpreendentemente excitante — E no seu caso? É um tipo de homem heroico, e não é totalmente desagradável aos olhos. Tem alguma dama em especial?

Aye, embora não tivesse, até algumas horas atrás. Será que essa ideia a assustaria novamente? Será que ela pensaria que estava atrás de sua fortuna, da mesma forma que Bellamy, só que era mais esperto? A última coisa que queria fazer era mandá-la correr para uma tempestade à noite, com Bellamy provavelmente perto o suficiente para espirrar — A maioria das lasses que conheço não resiste às minhas irmãs. — disse em voz alta, perguntando-se se já havia sido tão cuidadoso com alguma coisa como estava sendo com essa conversa — Ela teria que ser corajosa e extraordinária, para sequer querer conhecê-las. E, se gostassem dela, bem, como eu poderia fazer diferente?

— Eu gostaria de conhecer suas irmãs. — murmurou, sonolenta — Faz com que pareçam muito grandiosas.

— *Aye*, são mesmo. — sussurrou ele, passando os dedos pelas pontas soltas de seus cabelos ruivos desgrenhados. Será que ela tinha percebido o que havia dito? Que ela queria conhecê-las, por que a equação terminava com ele? Ou ele estava sendo esperto demais para uma jovem que havia passado cinco dias assustada e que, finalmente, se sentia segura por um momento ou dois?

Depois de um momento, ela se acalmou, com a respiração lenta e leve em seu peito. Ao lado, o fogo na lareira crepitava, enquanto o bater da chuva nas janelas dançava em sua audição, como os dedos de um sonho. Mais longe, um trovão ressoou, atravessando a escuridão profunda de todos os lugares fora dessa pequena cabana.

Será que poderia imaginar uma vida inteira com essa mulher inglesa, que ele conhecia há apenas algumas horas? Era mais estranho que já estivesse fazendo essa pergunta a si mesmo ou que já pudesse imaginá-la ao seu lado? Que se perguntasse se os filhos deles teriam os cabelos ruivos selvagens dela? Que ele quisesse que suas irmãs a conhecessem, por que já sabia que a adorariam? Nada disso fazia sentido, mas nunca soube de nada com tanta certeza em sua vida. Ele, o homem cauteloso que pesava cada ação em relação às possíveis consequências para sua família e para si mesmo, estava tão louco por uma estranha, que se sentia disposto a arriscar... tudo por ela.

— Duncan?

Ele piscou — *Aye*?

— E se ele voltar?

— Não fecharei os olhos, *leannan*. Prometo.

Ela adormeceu novamente, evidentemente tranquilizada por sua resposta. E ele estava falando sério; se Bellamy batesse à sua porta novamente, o conde seria um homem morto.



— Ainda está chovendo?

Duncan deixou de olhar pela janela voltada para o oeste. Julia havia se sentado, com os cobertores deliciosamente enrolados em sua cintura. Por um momento, desejou não ter se dado ao trabalho de se vestir; não aproveitar ao máximo os momentos de paz que lhes restavam parecia um pecado ímpio — *Nae*. — disse em voz alta, servindo-lhe uma xícara de chá, colocando dois

torrões de açúcar na bebida forte e levando-a para a cama — Parou há quase uma hora.

— Que horas são?

Ele deu de ombros, observando-a beber — Quase sete horas, eu diria. Não tenho relógio aqui.

Ela olhou ao redor, como se estivesse vendo a cabana pela primeira vez — Não consigo nem imaginar um dia sem um relógio ou um relógio de bolso me dizendo quando devo sair para caminhar ou quando é hora de me vestir para o teatro. — disse, com um sorriso — Na verdade, é bastante inebriante.

— Ficarei feliz em marretar todos os relógios da Lenox House, então. — respondeu, sentando-se na beira da cama — Gostaria de comer ovos no café da manhã?

— Não podemos ficar aqui, não é? Não acha que ele voltará?

— Acho que ele definitivamente voltará, quando não conseguir encontrá-la em nenhum outro lugar. Mas podemos tirar um maldito minuto para comer.

Júlia assentiu — E então me levará para a Lenox House?

—Eu lhe dei minha palavra de que o faria, *lass*.

Por um longo momento, seu olhar castanho examinou o rosto dele. Depois, ela assentiu — Acho que não posso me lavar em algum lugar. É provável que eu me pareça com uma dessas *banshees* que dizem ter aqui.

Ele sorriu — Aye, me assusta um pouco. Está muito lamacento e muito frio para que vá até o rio, mas lhe trarei um balde e o colocarei sobre o fogo. — levantando-se, voltou para o armário — Penso que seria melhor que vestisse um casaco e uma calça. Assim, será mais fácil passar despercebida, caso alguém nos veja caminhando. — tirou uma camisa e uma calça sobressalentes que guardava no chalé e as colocou aos pés da cama.

— Não está usando seu kilt. — disse tardiamente, com as bochechas enrubescidas, enquanto o olhava de cima a baixo.

— Na verdade, não o uso com tanta frequência. Mas é mais fácil ao tomar banho. E em algumas outras coisas. — com isso, inclinou-se e beijou-a suavemente na boca. Ela não tinha permissão para fingir que a noite passada não tinha acontecido.

Julia envolveu as duas mãos em seus cabelos, beijando-o de volta. Evidentemente, ela não queria se esquecer da noite passada — Eu gosto dessas outras coisas. — murmurou contra sua boca.

— Ótimo. — passando a mão por baixo da cama, lhe entregou a faca — Voltarei em dois minutos. Três, no máximo. Se demorar mais, carreguei o rifle. Está ali atrás do armário. Sabe como usá-lo?

Ela respirou fundo — Sim. Mas volte logo.

— Pretendo voltar.

Ele poderia ter lhe dito a direção para Lenox House, supôs, mas, nas Highlands, encontrar qualquer coisa não era uma tarefa fácil. Seria melhor que ela tentasse negociar para se livrar de problemas com a ajuda do rifle.

Depois de afastar a cadeira da porta e colocar a tábua que a protegia de

lado, pegou o balde e saiu. As nuvens pairavam baixas o suficiente no céu, para obscurecer o topo dos penhascos em ambos os lados do vale, e a chuva passageira corria em riachos ao longo da pedra e da lama até o rio. Tinha um segundo par de botas, mas os pés dela eram muito menores que os dele. Seus próprios sapatos eram quase inúteis, mas talvez pudesse envolvê-los com pele de coelho para, pelo menos, mantê-la aquecida. Ontem o dia tinha sido ameno para os padrões das Highlands, mas, hoje, o ar estava um pouco mais frio.

Foi preciso fazer um esforço para não olhar para trás, para o chalé, a cada minuto. No entanto, se alguém o estivesse observando, saberia que tinha algo precioso escondido lá - e, quanto mais tempo conseguisse manter esse segredo, melhor. Fez o possível para procurar sinais de que Bellamy e seu primo ou qualquer um de seus homens ainda estivessem no vale, ao mesmo tempo em que tentava dar a impressão de que, além de uma leve curiosidade sobre uma mulher Sasannach, supostamente desaparecida, nada em sua vida havia mudado.

Agachado em uma rocha, achatada pela ação do tempo, encheu um balde de água fria e voltou a subir a leve encosta, até a cabana de camponês. Só podia esperar que Bellamy não tivesse contado a mais ninguém que ele estava ficando aqui sozinho, uma vez que sairia daqui com uma segunda pessoa. Porque, embora pudesse fazer Julia deixar de parecer uma dama inglesa, não podia torná-la invisível.

Supondo que ela pudesse já estar com o rifle apontado para a porta, bateu antes de puxar o trinco e abrir a velha porta de carvalho — Sou eu.

Ela apareceu logo atrás da porta, com sua faca na mão e vestindo apenas sua camisa sobressalente, pendurada até as coxas nuas, e seu kilt sobre os ombros. Não esperava que ela estivesse encolhida em algum lugar, mas gostou do fato de estar pronta para agir. Abaixando-se um pouco, beijou-a novamente.

— Fica linda com as cores da MacLawry. — disse-lhe, enquanto pendurava o balde sobre o fogo, para aquecer a água.

— As cores significam alguma coisa? — perguntou, passando as mãos pela lã pesada.

— Branco como a neve e intenções puras, preto como a determinação e vermelho como o sangue. — respondeu, procurando no segundo armário os ovos cozidos que havia embrulhado em um pano quando chegou aqui, há três dias — Os cinzas são o que preferir; eles surgem durante a tecelagem.

— Nuvens. — ela decidiu, olhando para seu xale improvisado.

Ele riu — Nuvens, então. Quer que sua torrada seja escura ou que ainda mostre suas cores?

— Ainda mostrando suas cores. — disse com um sorriso — Mas eu posso ajudar, sabe. Posso não saber como fazer um ensopado de coelho, mas acredito que consigo descascar um ovo.

— Nae. Vá tomar seu banho. — entregou-lhe um pano, tirando o balde das chamas — Mas pretendo ficar observando. Não sou um grande cavalheiro.

— Hum. — sustentando seu olhar, Julia tirou o kilt e o colocou sobre a cama, em seguida tirou a camisa por cima da cabeça. Depois, nua e adorável como o novo dia, mergulhou o pano na água e começou a se limpar.

— Doce Bridget. — murmurou — Continue assim e eu a colocarei na cama novamente.

Ela sorriu — Deveria me ver em uma banheira.

— Oh, eu pretendo fazer isso. Tenho uma grande banheira de bronze, perto da cama do quarto principal, em Lenox House. Eu lhe cederei, se me deixar compartilhá-la de vez em quando.

Sua expressão mudou um pouco — ‘De vez em quando’? Eu vou ficar?

Maldição — Se quiser, Julia. Não tenho correntes em minha casa, mas não teria me deitado contigo aqui, se não... me importasse.

— Nunca teve amantes antes? Sei que não era virgem, Duncan.

Então agora *ele* era o simplório de olhos arregalados — As mulheres com quem estive foram em condições de igualdade, com precauções tomadas. Um encontro mutuamente acordado.

Agora ela franziu a testa — Isso parece muito profissional.

— Sou um homem muito cauteloso. Exceto pela noite passada. Exceto no seu caso, Julia. Faz minha cabeça girar, e Deus sabe que isso é uma coisa rara para mim. Muito rara. — enquanto falava, aproximou-se dela, finalmente colocando as mãos em seus ombros quentes e nus — Será que sou o único que está girando?

Olhos castanhos brilharam nele — Estou girando há dias, Duncan. — disse lentamente.

A perda o atingiu em cheio. É claro que ela estava girando. Mal sabia onde estava o chão e ele... bem, ele tinha se aproveitado — E eu sou um homem estúpido. Desculpe-me, *lass*. Não tem nada a temer de mim. Eu...

Ela colocou o pano úmido contra sua boca — Fez com que eu parasse de girar. — sussurrou — Não sei o que somos, mas não me sinto pronta para desistir disso. Para desistir de estar contigo. Porque parte de mim acredita que, talvez, tenha encontrado algo mágico. E a outra parte de mim quer acreditar na primeira parte.

— Existe uma terceira parte? — perguntou, colocando a mão sobre a dela e baixando o pano úmido até o peito, sobre o coração.

— Sim. A parte que se preocupa que eu esteja sendo uma tola completa.

— Se estiver, então nós dois somos tolos. — mantendo seus dedos entrelaçados, levantou o queixo dela com a mão livre e a beijou novamente, lenta, profunda e completamente.

— Então estou disposta a arriscar mais uma hora., — ela respondeu, tirando a camisa dele das calças — Também está?

— Aye. Isso eu estou. — com um sorriso, levantou-a em seus braços.



Capítulo 4



A **calça parecia** arranhar suas coxas, mas Julia amarrou a corda que Duncan lhe deu na cintura e enrolou a parte inferior das pernas até deixar seus pés à mostra. Mesmo que ele não tivesse sugerido que não usasse o vestido de baile, estava mais do que cansada dele - não apenas porque estava sujo e rasgado, mas por causa do que representava. Foi estúpida e ingênua naquela noite, e pagou por isso, com sua reputação. Se seu avô não tivesse achado por bem presenteá-la com quarenta mil libras em seu casamento, também teria perdido seu futuro.

Olhou para Duncan, do outro lado da sala, sentado à mesa, junto a seus sapatos e aparando um par de peles de coelho para adaptá-las a eles. A essa hora, anteontem, ela estava em um canto de um quarto que não lhe pertencia, observando um homem que ela achava que conhecia se tornar cada vez mais um estranho e cada vez mais assustador.

No início, Bellamy estava satisfeito consigo mesmo, mas educado e até um pouco apologetico. Quando ela não desmaiou ou caiu de joelhos e concordou em se casar com ele, para salvar sua reputação, seu verniz de polidez começou a se desfazer. Na manhã de ontem, começou a temer que ele recorresse a algo físico - algo parecido com o que ela e Duncan haviam feito na noite passada e nesta manhã. Só que não teria sido a mesma coisa, porque a ideia de Bellamy tocá-la daquela maneira a enojava e horrorizava.

Quando se deparou com Duncan, depois de sua irritação inicial - e em parte por causa disso - pensou que, talvez, estivesse... apaixonada. Afinal de contas, ele a salvou, quer tenha se proposto a fazê-lo ou não. Mas quanto mais conversavam, mais percebia que realmente gostava dele. Gostava de seu jeito honesto e direto; da maneira como cuidava de suas irmãs, de seu senso de humor, da maneira como parecia entendê-la e fazia com que ela se sentisse corajosa. É claro que não podia ser perfeito - nenhum homem era. Mas, pelo amor de Deus, ele era lindo e compassivo e, obviamente, parecia tão atordoado com a atração entre eles quanto ela.

Quando ele disse que lhe daria uma banheira e a compartilharia com ela, seu primeiro pensamento foi que desejava que ele fizesse isso. Queria passar mais tempo com ele. Muito mais tempo. O único pensamento que a incomodava era o maldito dinheiro. Duncan sabia que estava arruinada, pois ele havia ajudado muito com isso. Também sabia que ela receberia um dote muito grande em seu casamento. Quando o avô dela redigiu o testamento, ela

tinha apenas sete anos. E ele provavelmente estava pensando que queria garantir que ela tivesse uma vida boa e confortável. Infelizmente, também fez com que quase todos os homens da Inglaterra a vissem como um cofre ambulante. Mas será que Duncan a via dessa forma?

— Calce seus sapatos, lass, e verei se poderei enfaixá-los. — disse, levantando-se para trazer-lhe os leves chinelos de dança.

Quando se ajoelhou a seus pés, uma emoção percorreu sua espinha. Fazia diferença se ele queria ou não o dinheiro dela? Certamente, ninguém mais a fez se sentir assim. E suspeitava que ninguém mais o faria. — disse ela, colocando uma mão no ombro dele e calçando o sapato e o pé direito sobre a bota de coelho improvisada enquanto ele enrolava tiras de couro em torno dela.

— Oh, duvido disso. — ele respondeu, com diversão em sua voz — Mas se isso mantiver seus pés aquecidos e secos, já me dou por satisfeito.

Depois que terminou de enfaixar os dois pés, ela deu um passeio experimental pela cabana — Poderia ser sapateiro. — anunciou. Certamente não estava na moda, mas com a pele por dentro, seus pés se sentiam aquecidos, e o couro por fora evitava que seus pés se molhassem. Era muito inteligente, na verdade.

— Bem, se eu falhar como cavalheiro agricultor, abrirei uma pequena loja. — levantando-se, aproximou-se, beijou-a profundamente na boca, depois colocou uma mochila no ombro e lhe entregou um casaco pesado — Não se parecerá com a Srta. Julia Prentiss. — decidiu, observando-a vestir o casaco marrom escuro — E temos apenas três milhas para percorrer. Está com a faca?

Ela levantou a parte de trás do casaco para mostrá-la, enfiada na cintura, contra a coluna — Eu quase preferiria ficar aqui.

— *Aye*. Eu também. — parando diante dela, ele segurou suas duas bochechas com as mãos largas e de dedos longos — Não deixarei que ninguém lhe faça mal, Julia. Eu lhe prometo isso.

Ela se ergueu na ponta dos pés e o beijou suavemente — Sei que não. Agora vamos embora, antes que eu perca a coragem.

Ele já havia apagado o fogo e, quando apagou a última lanterna, ficaram parados na escuridão silenciosa. Então, antes que ela pudesse mudar de ideia, ele abriu a porta e saiu. Um instante depois, fez sinal para que ela o seguisse.

Bellamy e o terrível Orville Fersen estavam em algum lugar por ali. Pelo que ela sabia, poderiam estar logo depois da próxima elevação ou ao redor de um monte de pedras. Com um calafrio, apressou o passo, mantendo os olhos nas costas largas de Duncan. Com um rifle sobre o ombro e aquele olhar determinado em seus olhos, ela certamente teria hesitado em abordá-lo. Esperava que qualquer pessoa que os encontrasse chegasse à mesma conclusão.

— Duncan? — disse, para evitar que sua mente pensasse em todas as coisas possíveis que poderiam dar errado.

— *Aye?*

— Ouvi Bellamy dizer que sua bisavó era uma MacLawry. É por isso que faz parte desse clã?

— *Aye.* Também tenho um tio-avô que é Campbell, mas não falamos sobre ele. — diminuiu um pouco a velocidade, aproximando-se dela — Gosto dos MacLawrys. Eles se opuseram aos proprietários de terras que tentavam expulsar seu próprio povo das Highlands, em favor de ovelhas e pastagens, por exemplo. São boas pessoas, Glengask, seus irmãos e sua irmã, e seu pai antes deles.

— Mas poderia ter escolhido ficar do lado dos Campbells, se quisesse?

Ela a olhou de soslaio — Suponho que sim, mas eu teria que ter um motivo muito bom para mudar minha fidelidade. E, mesmo que eu fosse um Campbell, não a teria entregado a Bellamy. Há a lealdade e há o que é certo e verdadeiro. — respirando fundo, ele roçou os dedos nos dela — Eu tenho irmãs, Julia. Creio que qualquer homem com irmãs a teria ajudado.

— É uma boa reflexão, mas nem todo mundo valoriza mais o que é certo acima do dinheiro e da lealdade. — e teve muita sorte em encontrar alguém que valorizasse.

— Espero que não tenha compartilhado minha cama por estar grata por eu não ser um canalha.

Ela balançou a cabeça, aproximando-se um pouco mais, para que seus dedos se tocassem a cada passo — Todo homem *deveria* ser um cavalheiro, mas poucos o são. No entanto, não compartilhei sua cama por causa disso. Compartilhei-a porque eu queria. — mais do que jamais quis qualquer outra coisa em sua vida. O suficiente para arriscar o que viesse a seguir.

Os dedos dele se enroscaram nos dela — Se sua família, quando receber sua mensagem, decidir levá-la de volta a Londres, será que se importaria se um Highlander e suas três irmãs fossem visitá-la?

Julia olhou para seu perfil, o cabelo preto levantando da testa com a brisa forte — Iria até Londres?

— Eu iria até a China, lass, se quisesse me ver.

— Eu o veria. — abaixou a cabeça, sabendo pelo calor em suas bochechas que estava corando — E ficaria feliz em vê-lo.

— Bem. Estou feliz que isso esteja resolvido, então.

Caminharam pelo campo acidentado em silêncio, por um curto período de tempo, de mãos dadas. O vento em seu rosto estava frio, mas com o casaco e a calça pesados e os sapatos reforçados com coelho, Julia mal o sentiu. Achava que ir para a Escócia seria uma aventura pitoresca. Pediu o presente porque a levaria para longe da temporada em Londres, do desfile de pretendentes que estavam muito mais interessados em sua renda do que em seu caráter. O presente seria uma fuga de seu futuro. Quando Bellamy a agarrou, o presente se tornou um pesadelo. Agora, porém... Agora se sentiria perfeitamente feliz em nunca mais voltar a Londres, se isso significasse que poderia ver Duncan, segurar sua mão e beijá-lo, sempre que quisesse.

— Está cansada, *lass*? — perguntou, olhando novamente por cima do ombro.

— Não. Faço caminhadas o tempo todo.

— Vamos nos apressar um pouco então, certo?

O frio externo desceu abruptamente por sua espinha — É Bellamy? — perguntou rigidamente.

— Dois homens a cavalo. Não sei se é ele ou um dos seus, mas só temos cerca de oitocentos metros pela frente. Prefiro estar dentro de casa, antes que me alcancem.

— Eu também.

Ele lhe sorriu tranquilizadamente — Não vamos correr, porque eles vão nos perseguir como cães de caça. Mas um pouco de pressa não nos faria mal.

Oh, ela concordava com isso. Ele a ajudou a passar por cima de um muro de pedra coberto de musgo, que parecia mais antigo do que a conquista romana, e seguiram por um caminho estreito, desgastado pela grama e pela urze, enquanto as árvores se espalhavam selvagens ao seu redor — Está vindo outra tempestade? — perguntou.

— Sempre vem outra tempestade por aqui. — respondeu com um sorriso rápido — Assim que contornarmos a colina, poderá ver Lenox House. Tenho homens por perto, mas os habitantes ficam do outro lado do vale, perto do rio.

— Tem camponeses?

— Sim. Cerca de cem ou mais. Nada perto do que Glengask tem. Ou Bellamy.

A trilha se curvava ao redor da encosta verde e inclinada da colina e, se não estivessem com tanta pressa, ela teria parado em seu caminho. Lenox “*House*” era um nome um tanto equivocado. Era mais um castelo do que uma casa, para os padrões ingleses, com paredes altas de pedra branca e janelas que davam para o vale. Era, no mínimo, do tamanho do Bellamy Park e muito mais... amigável, se é que poderia dizer isso. Mas parecia acolhedor e caloroso - ou talvez isso se devesse ao fato de saber que seu proprietário era assim também.

— É adorável. — disse em voz alta, ofegante.

Uma arma disparou em algum lugar atrás deles, o som ecoando nas colinas e montanhas, como um trovão agudo. Julia estremeceu e quase perdeu o equilíbrio. Rapidamente, Duncan a pegou por baixo do cotovelo, segurando-a contra ele, até que ela recuperasse o equilíbrio.

— Não precisa se preocupar, *lass*. Eles não atirarão para acertá-la. Só querem que paremos. — assobiou alto e um trio de homens apareceu, vindo da direção do estábulo — *Lads*, encontrem seus mosquetes e vão para a casa! — gritou.

Os homens desapareceram novamente. Julia deu uma olhada por cima do ombro e quase deu um grito. Bellamy e seu primo estavam a apenas uns cem metros atrás deles e cavalgavam a todo galope — Duncan!

— Eu sei. — virando-se, pegou o rifle e o apontou na direção deles — Vá

para a porta lateral, *lass*. — disse, recuando na mesma direção.

— Dê-me o que é meu, ladrão! — Bellamy gritou.

— Venha e a leve, então! — Duncan respondeu — Se conseguir fazer isso com a cabeça estourada!

Ela chegou a uma pesada porta de carvalho, na lateral da casa. No momento em que se perguntou se estaria trancada, ela se abriu e um homem alto e ruivo fez sinal para que entrasse — Entre, *lass*. Onde está Mestre Duncan? Eu o ouvi gritando.

— Bem atrás de mim.

Ela se escondeu atrás da porta, para poder observar sem ser vista; como era o pomo da discórdia, ficar fora da vista de Bellamy parecia ser a coisa mais sensata que poderia fazer. Duncan ficou parado há alguns metros da porta aberta, com o rifle apontado na direção do conde. Bellamy e Orville andavam de um lado para o outro na frente dele, claramente tentando ver se conseguiriam passar por sua guarda.

— Esse é um problema que não deseja, Duncan! — Bellamy gritou, carrancudo — O que quer que ela tenha lhe dito, é mentira. Ela pertence a mim, e só está prestando um desserviço a si mesmo e às suas irmãs.

— Se não sabe o que ela me disse, como sabe que é mentira? — rebateu.

— Se a está protegendo, então ela mentiu. Entregue-a e esqueceremos que isso aconteceu.

— Saia das minhas terras e viverá para ver o pôr do sol. — respondeu Duncan, com a voz tão fria, como se estivesse conversando com Julia durante o jogo de xadrez.

— Bah. Nós voltaremos, com ajuda. Tem até as três horas para recuperar o juízo, Lenox!

Ele ficou ali, bloqueando a porta, até que os dois homens desaparecessem de vista. Só então baixou o rifle e entrou na casa — Murdoch, — disse — quero homens armados nas janelas.

— Sim, Mestre Duncan. — o criado pegou o rifle de Duncan e depois seus casacos e chapéus — Bellamy passou por aqui, ontem, perguntando por uma *lass* inglesa, de cabelos castanhos. Insistiu em dar uma olhada na casa. Eu o deixei, mas mantive aquele maldito Orville Fersen do lado de fora.

Com um assentimento, Duncan pegou a mão de Julia, conduzindo-a até as entranhas da casa — Onde estão minhas irmãs?

— Quando o tumulto começou, Sorcha levou as outras duas para o quarto de sua avó.

— Bom. Quem mais está aqui?

— Apenas os *lads* de sempre, o Sr. Finchey e o Padre Ross, que vieram pedir doações para reconstruir a casa da Sra. MacGeath, depois que o filho dela chutou a lanterna. — o homem ruivo os seguia a passos largos, como se estivesse acostumado com o fato de seu patrão precipitando-se pela casa grande — Essa seria a *lass* inglesa de cabelos castanhos, então?

— Sim, embora qualquer homem com olhos possa ver que seu cabelo é

ruivo, não castanho.

Por mais simples que fosse, aquilo parecia um elogio. Deus sabia que ela odiava quando as pessoas diziam que seu cabelo era castanho. “Castanho” soava como uma cor sem graça. “Ruivo”, no entanto... Julia se sacudiu. Estava claramente exausta se passava o tempo se preocupando com a maneira como as pessoas descreviam seu cabelo. Ela se virou e agitou uma mão na direção do mordomo — Prazer em conhecê-lo, Murdoch.

— Prazer é meu, *lass*.

— Mantenha Finchey e o Padre Ross aqui, Murdoch. — Duncan ordenou — Se não quiserem ajudar, podem, pelo menos, ser testemunhas.

— Eles não irão embora, então. Cuidarei disso agora. — quando começaram a subir as escadas, Murdoch se afastou em direção à parte de trás da casa.

— Ele é seu mordomo? — ela perguntou, sem fôlego e com os pés envoltos em peles desajeitados, nas escadas de pedra maciça.

— Ele organiza a casa, então, suponho que sim. Mas não o chame assim, ou ele ficará se exibindo.

Duncan ficou feliz por Julia ainda conseguir parar um pouco aqui e ali, para observar o que estava ao seu redor; a maioria das mulheres em sua posição provavelmente já estaria desmaiada a essa altura. Mas já havia percebido que ela não era como a maioria das mulheres. Ou qualquer outra mulher que tivesse conhecido, na verdade.

Como Bellamy lhes deu até três horas, tinha em torno desse prazo para se preparar para uma briga. Até ontem, teria se esforçado muito para evitar esse tipo de conflito, porque a última coisa que desejava era ter vizinhos que o preferissem morto. Ser antipático era uma coisa, e muitos deles estavam acostumados a isso. Mas isso era diferente.

Parou no topo da escada e virou para a direita, indo em direção ao quarto mais a oeste do andar. Tardamente, deu-se conta de que, talvez, sua primeira prioridade não devesse ser apresentar Julia Prentiss aos seus entes queridos, mas era isso que pretendia fazer. Não a deixaria sentada na sala da manhã, enquanto fazia planos para protegê-la.

Além disso, suas lasses precisavam gostar dela - não porque a entregaria se não gostassem, mas porque parecia... vital que a vissem da mesma forma que ele. Assim, poderia saber que não se tratava de um conto de fadas, mas de uma mulher real e uma chance real de algo maravilhoso e inesperado.

— Vovó Maevis?

— Está sozinho, Duncan?

— *Nae*. Tenho uma *lass* comigo.

— A *lass sasannach* que está fazendo Bellamy espumar?

Ele apertou os dedos de Julia nos seus — *Aye*.

— Bem, vamos dar uma olhada nela, então. Abra a porta devagar, *lad*.

Fazendo o que ela sugeriu, ele baixou a maçaneta e abriu a porta estreita. Sua avó estava sentada no centro da sala, com os cabelos brancos penteados

para o alto e um bacamarte confortavelmente sobre o colo. Ele estava ciente de que ela sabia muito bem como usar o grande mosquete.

— Não escondeu minhas irmãs no guarda-roupa, não é? — perguntou, trazendo Julia para trás dele.

— Estamos atrás do sofá. — disse sua irmã mais nova, Keavy, endireitando-se.

As outras duas se juntaram a ela e ficaram de pé, depois contornaram a mobília para abraçá-lo. Todas falaram ao mesmo tempo, contando a história de como Bellamy havia chegado e exigido dar uma olhada na casa, e como Keavy queria sangrar o nariz dele por ser um Campbell e ousar entrar na propriedade dos Lenox.

— Então, tiveram uma aventura e tanto, não é? — ele interrompeu — Eu também. Senhoras, esta é a Srta. Julia Prentiss. Julia, Sorcha, Bethia e Keavy. E a vovó Maevis.

Suas irmãs fizeram uma reverência em um gesto exagerado e depois arrastaram Julia para a conversa. Duncan a deixou de lado, sorrindo ao ver sua expressão, antes de se agachar ao lado da cadeira de sua avó.

— Bellamy pretende voltar para buscá-la, às três horas. — disse em voz baixa — Terá mais homens e mais armas com ele.

— Por que ela fugiu dele? Ele não é um Adônis, mas um casamento é um cas...

— Ele não se casou com ela. Arrastou-a para fora de um baile, em Aberdeen, com a intenção de forçá-la a se casar, para salvar sua reputação. Ela é uma herdeira, com um monte de dinheiro indo para o marido em seu casamento.

— E ela fugiu debaixo dos olhinhos de Hugh Fersen?

Duncan sorriu — Sim. Fez isso. Tropeçou em mim e eu a escondi no velho chalé.

Sua avó o encarou — E? — perguntou.

— E o que? Esperamos a chuva passar e viemos para cá. Bellamy cruzou nossa trilha, a cerca de meia milha da casa.

— Estava segurando a mão dela, *lad*. — disse Maevis em voz baixa.

Ele poderia fingir, supôs, mas isso só tornaria mais difícil explicar as coisas mais tarde. — *Aye*, estava. Ela... É estranho, suponho, já que só a conheço há um dia, mas ela é... querida para mim. — Duncan lançou um olhar na direção de Julia, encontrando-a sentada no sofá, sorrindo, com Sorcha segurando uma de suas mãos e Keavy a outra.

— Quão querida?

— Muito querida.

— O suficiente para querer arriscar suas irmãs e Lenox House?

— Tentarei evitar isso, mas não a entregarei. Urso MacLawry ainda está em Glengask. Enviarei as quatro pessoas para lá, para mantê-las seguras.

— Quando chegássemos e Urso viesse em seu socorro, seria tarde demais, Duncan. Acha que Bellamy perderia um minuto de sono, queimando esta casa

por causa de orgulho e dinheiro?

— Não pretendo perder, vovó. — respirou fundo — Padre Ross está aqui. Eu mandarei que as acompanhe... — Duncan parou. *Padre Ross estava na casa.*

Maervis estreitou os olhos — Duncan, em nome de St. Bridget, no que está pensando?

— Com licença por um momento, vovó.

Ela agarrou seu pulso enquanto ele se levantava — Pretende *se casar* com ela? Bellamy pode torná-la viúva e ainda desposá-la.

— *Aye.* — sussurrou de volta — Mas ele não ficaria com seu dote. Isso viria para mim e para os meus. E isso poderia impedi-lo.

— Só para salvá-la de um pretendente que ela não gosta? É mais prudente do que isso, *lad.*

Ele sacudiu o braço — É mais do que isso, e sabe muito bem. Eu... eu sei que sou um homem cauteloso. Mas quando a vejo, tenho vontade de bater no peito e rugir.

— Duncan...

Com um sorriso forçado, ele se afastou — Ela pode dizer não, e tudo isso será discutível, *seanmhair.* — ignorando a carranca que ela lhe fez, Duncan se dirigiu ao sofá — Precisamos conversar, Julia. — disse, estendendo a mão direita.

Ela enroscou os dedos nos dele e se levantou — Sua irmã, Keavy, estava me dizendo que sabe atirar com um mosquete. Ela se ofereceu para abrir uma janela no sótão e atirar em qualquer Fersen ou Campbell que ousar mostrar o rosto.

— *Aye.* Ela é sanguinária. — concordou, olhando para a irmã de oito anos. Ainda segurando a mão de Julia, conduziu-a para fora do quarto e pelo corredor até o jardim de inverno, voltado para o norte, com vista para as montanhas e para as intermináveis Highlands. Sua vista favorita — O que achou delas? Minhas irmãs, quero dizer?

— Elas são encantadoras. E acho que gostaram de mim.

— Assim como eu. Elas geralmente não se apegam aos convidados. Especialmente um *Sasannach.* — parou para olhar pela janela. Veio para cá a passeio. Será que poderia - será que gostaria - de permanecer?

— O que foi? — ela perguntou, franzindo a testa.

— Tive uma ideia. Se passássemos os próximos seis meses como pretendíamos, eu a visitaria em Londres, a cortejaria e depois me ajoelharia e a pediria em casamento.

Os olhos dela procuraram os dele — Acho que já me cortejou, Duncan. A menos que tenha decidido que isso é um risco muito grande. Eu não posso - não vou - não irei com ele, mas posso tentar sair daqui. Se me der um cavalo, talvez eu...

— Quer fugir daqui? Porque eu não quero isso.

— Bem, eu também não quero. Mas estou tentando entender o que está

dizendo, e isso é muito irritante.

Pegando também sua outra mão, ele se ajoelhou. — O que estou dizendo é que, se eu já sei que pedirei sua mão em seis meses, por que não posso pedi-la hoje? Eu a conheço há um dia, lass, e, ao mesmo tempo, sinto que a conheço desde sempre.

O rosto dela ficou pálido, mas seu aperto nas mãos dele era forte e firme — Duncan, não precisa fazer isso para me proteger.

— *Nae*. Tem o benefício adicional de protegê-la, mas não é o motivo pelo qual estou fazendo isso.

— Mas Bellamy pode matá-lo, só para me pegar de novo. Isso não ajudará em nada e... me mataria se algo lhe acontecesse.

— Acontece que hoje tenho um padre sob meu teto. E um monte de testemunhas. Se eu for seu marido, então seu dote é meu, não é?

Ela assentiu, franzindo a testa — Sim.

— E se ele me matar, seu dote vai para meus herdeiros, não é? Ele sairia de suas mãos?

— Sim.

— Então, ele iria para o nosso filho, caso tenhamos gerado um na noite passada. — murmurou — E se não tivermos, meu parente mais próximo é Lorde Glengask. Ele lhe devolveria o dinheiro. Escreverei tudo, só para deixar claro que Bellamy não tem nada a ganhar com isso.

Agora suas mãos estavam tremendo nas dele. Esperava que isso fosse um bom sinal, e que não significasse que estava prestes a bater nele. Talvez fosse loucura da sua parte, mas quando teve essa ideia, ela fez mais sentido do que qualquer outra coisa que já tivesse feito antes. Tudo o que precisava era da concordância dela. Se ela o quisesse.

— Acha que posso estar grávida? — sussurrou.

— Nós não... Quer dizer, eu não tomei precauções. Não esperava encontrá-la, Julia. Não pensei que fosse desejá-la tanto. Eu...

Ela soltou uma de suas mãos e a colocou gentilmente sobre os lábios dele — É isso que deseja, Duncan? Diga-me que não está simplesmente sendo o homem generoso e heroico que eu sei que é.

Ele sorriu para ela — Pelo amor de Deus, lass, eu me sinto um canalha, usando Bellamy para prendê-la a mim. Eu diria que a amo, se não parecesse tolice dizer isso. Direi que este é o início do amor, que o que sinto a seu respeito só se tornará mais e mais. Mas saiba que pretendo morar aqui, com minhas irmãs. Estará longe de Londres a maior parte do ano, e...

— Sim.

Ele engoliu em seco — *Aye*, estará longe de Londres, ou *aye*, quer...

— Sim, nos casaremos. Hoje. Agora. E machucarei qualquer um que tentar se colocar entre nós

Ele se levantou lentamente, puxando-a para seus braços e beijando sua boca quente e macia — Ninguém terá permissão de se intrometer entre nós. — murmurou.

Quando analisou todos os momentos fortuitos que poderiam ter sido diferentes, o número de coisas que tiveram que acontecer, exatamente como aconteceram, para que se encontrassem, foi obrigado a acreditar em... alguma coisa. Em Deus, na Providência, na Magia, no Amor. Ou melhor, em todos eles, só para ter certeza de que daria o devido valor à entidade correta.

— Vamos contar para minha família então, lass?

Sorriu para ele — Isso será interessante.



Pouco mais de duas horas depois, Julia Prentiss já não era mais Julia Prentiss. Era Julia Lenox. O padre havia hesitado, mas era evidente que sabia quem colocava a manteiga em seu pão. E era igualmente claro o respeito que tinha por Duncan, a maneira como sabia que o Sr. Lenox não fazia as coisas levianamente.

Antes de fazer seus votos, ela havia tentado rastrear a direção de seu dinheiro, tentando discernir, de uma vez por todas, se isso havia sido, de alguma forma, uma maneira de Duncan manipular as circunstâncias para obter seu dote. Mas isso não era lógico. Além do estado grandioso de Lenox House, suas terras eram verdes, seus jardins bem cuidados - todos os sinais de que possuía uma boa quantidade de riqueza, por si só. Ele não sabia quem ela era no mundo, e os papéis redigidos pelo advogado, Sr. Finchey, que acompanhava o Padre Ross à casa, afirmavam claramente que a renda dela deveria ser destinada ao filho comum. Se isso se tornasse impossível, seria herdado por Lorde Glengask, e ninguém ali parecia duvidar, nem por um segundo, que o marquês veria o dinheiro ser devolvido a ela - não como um dote condicional, mas como uma soma real em dinheiro, *para* ela e *por* ela.

Na verdade, era um acordo melhor do que poderia esperar, mesmo em um encontro amoroso. Porque, qualquer um que a cortejasse, o faria sabendo que tinha uma bolsa no valor de quarenta mil libras presa ao pulso. Por essa mesma razão, hesitou em acreditar em qualquer uma das palavras doces que seus possíveis pretendentes lhe diziam. Mas Duncan... Duncan havia encontrado uma maneira de lhe devolver o dinheiro, ou, pelo menos, para o benefício de seus filhos.

Observou-o enquanto ele se inclinava sobre a mesa e assinava o último dos contratos, escritos às pressas. Duncan. Seu Duncan, agora. Não era de forma alguma como ela havia imaginado seu casamento, porque seus pais teriam se encarregado de fazer com que tivesse um casamento enorme e grandioso na catedral, como convinha a uma herdeira e filha de um visconde. No entanto, como ele havia dito, hoje, ou daqui a seis meses ou um ano, seriam ele e ela. O cenário era secundário.

Como se estivesse sentindo seu olhar, Duncan a olhou de relance e abriu um sorriso — Agora terá um bilhete e tanto para enviar à sua mãe, não é mesmo, *lass*? — disse, devolvendo a caneta ao Sr. Finchey.

— Imagino que ela ficará aliviada quando eu explicar.

Aproximando-se, ele segurou seu rosto com as mãos largas e se inclinou

para beijá-la — Tem certeza de que não quer ficar dentro de casa, com a vovó e seu bacamarte? — perguntou, em seu tom de voz grave e rouco.

Ela balançou a cabeça — Se ficará com o Padre Ross e o Sr. Finchey de frente para ele, então eu também ficarei. Caso contrário, ele pode pensar que é um ardil, que eu consegui escapar e está tentando enganá-lo ou algo assim.

— Já provou seu valor, sabe. Se não quiser vê-lo cara a cara, não lhe pedirei isso.

— Mestre Duncan, eles estão subindo a estrada!

Ele se virou ao ouvir o grito de Murdoch — Chegaram cedo. Não estou surpreso, mas é um pouco rude, não acha?

— Não brinque. Ele é um homem perigoso. — ela estava muito, muito nervosa. Se alguma coisa desse errado, poderia muito bem perder Duncan. E tinha acabado de encontrá-lo. Desejava uma eternidade para se familiarizar com seu marido.

— Eu também sou um homem perigoso, *leannan*.

Ao ver a expressão em seus olhos verdes claros, acreditou nele. Já havia desafiado o conde duas vezes, sob a mira de uma arma, e se manteve praticamente sozinho contra Fersen e Campbell ao seu redor, durante toda a sua vida. Um calor percorreu sua espinha. Quando isso terminasse - e precisava acreditar que aconteceria como planejado, porque qualquer outra coisa, seria intolerável - seriam ele e ela. Juntos.

Ele estendeu a mão para ela — Vamos acabar com isso, certo?

— Estou pronta.

Do lado de fora da casa, cinco cavaleiros estavam dispostos em um semicírculo, de frente para a porta de entrada. Atrás deles, outras duas ou três dúzias de homens, a pé e a cavalo, caminhavam pela estrada larga e coberta de pedras. De acordo com os sussurros do Padre Ross, a maioria deles eram Campbell.

— Então, decidi entregá-la a mim? — perguntou Bellamy, seu olhar cinza-ão a prendendo de uma forma que a fez se sentir como um inseto sob seu calcanhar — É quase uma pena que tenha recuperado o juízo.

— E por quê? — Duncan perguntou friamente, com o rosto inexpressivo.

— Bem, aqui está, sozinho, e aqui estou eu, com quase trinta homens. E pode ver quem eu encontrei na minha casa. — apontou para o homem alto e magro ao seu lado. O sujeito tinha cabelos castanho-avermelhados, quase tão longos quanto os de Duncan e uma leve cicatriz, que atravessava o lado direito do rosto, do queixo até abaixo da orelha — Ou não conhece o Sr. Gerdens-Daily?

Duncan inclinou a cabeça, um músculo em sua mandíbula se contraiu — George.

— Lenox. Ouvi dizer que roubou a esposa do meu primo.

— *Nae*. Ajudei uma lady que seu primo sequestrou.

O homem com cicatrizes inclinou a cabeça — Nunca ouvi essa versão da história.

— Porque é mentira. Julia Prentiss concordou em se casar comigo e depois fugiu. Eu a quero de volta. Agora.

Olhos castanhos claros, quase âmbar, viraram-se para olhá-la. Olhos perigosos, de um modo diferente do de Bellamy. Os olhos de alguém que poderia se esgueirar por trás de um homem, na noite, com uma faca. Ela estremeceu.

— Srta. Prentiss, — disse, com o tom de voz firme — por que não nos conta o que lhe aconteceu e por que fugiu do meu primo, no dia em que concordou em se casar com ele?

— Eu não fiz tal coisa! — retrucou.

— O que lhe importa o que ela diz, George? Duncan Lenox mentiu para mim. Ele está abrigando minha propriedade e ameaçou explodir minha cabeça. Ele é primo dos MacLawry. E todos nós sabemos o que disse sobre os MacLawry, como todos eles pertencem à escória.

Duncan deu um passo à frente — Minha discussão não é contigo, George.

Gerdens-Daily ergueu a mão — Conte-me sua história, *lass*.

Respirando fundo, sem desviar o olhar do rosto do homem com cicatrizes, lhe contou. Tudo, desde concordar em dançar com um rosto familiar, até acordar na carruagem, roubar o cavalo de Bellamy Park e fugir, até conhecer Duncan - embora não tenha mencionado que ele estava nu - e se esconder de Bellamy, quando o conde foi até a cabana, à sua procura.

— De qualquer forma, nada disso importa agora. — interrompeu Duncan — Tomei medidas para garantir que não consiga obter o que deseja com ela, Bellamy.

Os olhos do conde se estreitaram — Quais medidas? — perguntou sucintamente.

— Eu me casei com ela.

O rosto de Bellamy ficou cinza manchado — Fez o que ?

— Aye. Sim. O Padre Ross nos casou. O Sr. Finchey e uma dúzia de meus homens testemunharam o fato. O dote dela agora é meu. Nunca o terá, não importa o que faça. Portanto, dê meia-volta, vá para casa, e agradeça por eu não tê-lo tirado do cavalo e mandado prendê-lo pelo que fez com minha esposa.

Por vários momentos, Bellamy gaguejou e cuspiu, até que Julia pensou que ele poderia sofrer uma apoplexia e cair morto na entrada de Lenox House. Esse pensamento não a incomodou nem um pouco.

Finalmente, o conde apontou o dedo para o Sr. Gerdens-Dailey — É um Campbell, George, assim como eu. Exijo que, com Orville, destrua Lenox pelo que ele fez comigo. Queimem a maldita casa dele até o chão e toda a sua família com ela.

Gerdens-Dailey cruzou os pulsos sobre o estribo de sua sela — Quer, agora, Hugh? Está *exigindo* que eu faça seu trabalho sujo?

— Ele é um maldito MacLawry! Coloque-o embaixo da terra!

Atrás deles, o som de mosquetes e rifles sendo engatilhados nas janelas, era

possivelmente a coisa mais assustadora que Julia já tinha ouvido. Embora ele tivesse lhe dito para ficar longe dele, ela se aproximou um pouco mais de Duncan. Seu Duncan.

— Ah., — George falou lentamente — Bem, acontece que passei em sua casa, hoje, quando voltava de Londres. Eu tinha algo para lhe contar. Enquanto eu estava lá, hospedado com Berling, tive uma pequena conversa com Ranulf MacLawry. — olhou para Júlia — Esse é o Lorde Glengask, caso esteja se perguntando.

— Encontrou-o? Ele está morto? — Bellamy parecia um rato que acabara de sentir cheiro de queijo.

Duncan, por outro lado, empalideceu — E como essa conversa terminou? — perguntou lentamente, dando meio passo para longe dela, colocando distância entre eles novamente.

— A maior parte da conversa é privada. — continuou Gerdens-Daily com facilidade, como se não tivesse consciência das emoções turbulentas ao seu redor — Mas terminou com um aperto de mão e um acordo de que, pelo menos por um tempo, não derramaríamos o sangue um do outro. — abruptamente, estendeu a mão, tirou o chapéu e fez uma reverência para Julia — Então, meus melhores votos, Sra. Lenox. Sr. Lenox. Nós lhe desejaremos um bom dia.

— Nós... Não, não vamos!

O homem com cicatrizes virou o cavalo, avançando na frente da montaria de Bellamy e fazendo o cavalo castrado saltar para trás, nervoso — Sim, nós vamos. E deixem-nos em paz, ou ficarei sabendo disso. Não me fará de mentiroso por causa de sua própria ganância, Hugh.

— Eu...

— Diga-me que entendeu, Hugh. — insistiu Gerdens-Daily, prendendo o primo com aquele olhar âmbar.

— Eu... entendi. — Bellamy finalmente grunhiu, desanimado.

— Ótimo. — virando-se novamente, Gerdens-Daily recolocou o chapéu e inclinou a cabeça para Duncan — *Meala-naidheachd ort.* — disse — Considere este seu presente de casamento dos Campbell.

— *Aye.* Eu considerarei. Obrigado, George.

Os homens viraram para o oeste, voltando pelo caminho que haviam percorrido, com George Gerdens-Daily na retaguarda. Em poucos instantes, estavam no topo da colina. No entanto, Julia não conseguia parar de olhar, esperando para ver se mudariam de ideia, se voltariam atrás e a levariam embora de seu novo paraíso.

O braço de Duncan passou suavemente por seu ombro — Parece que está enraizada no lugar. Arrepende-se de ter se casado comigo, agora que acabamos com aquele *amadan*?

Ela não sabia o que a palavra significava, mas não soava nem um pouco como um elogio — O que o Sr. Gerdens-Daily lhe disse?

— Ele disse '*parabéns*'. — lentamente, virou-a de frente para ele, para que

pudesse olhar em seus olhos verdes claros. A determinação severa que tinha visto neles, alguns minutos atrás, havia desaparecido, substituída por uma crescente diversão e... afeição — Arrepende-se? Posso pedir ao Padre Ross que anule tudo, sabe?

Padre Ross pigarreou — Na verdade, a Igreja tem que...

— O que acha, Julia? Quer ficar em Lenox? Ficaré comigo e será minha esposa? — Duncan o interrompeu, claramente não interessado nos fatos.

Ela manteve seu olhar por um longo tempo, um sorriso lento curvando sua boca — Como se fala esposa?

— *Bean*. E marido é *céile*, caso esteja se perguntando.

— Então eu ficarei e serei sua *bean*, Duncan Lenox, e terá de ser meu *céile*.

Ele a levantou nos braços — Para sempre?

Esse *era* um presente de Natal, melhor do que qualquer outro que ela jamais ousaria imaginar. Um presente, e ainda mais. Havia realmente algum tipo de magia nas Highlands. Pensou que poderia ser assim quando viu Duncan emergindo, nu, do lago. Agora, ao olhar para seu rosto sorridente e seus cabelos negros e selvagens, tinha certeza disso — Para sempre.



Highlanders Escandalosos



Livro 1

“É hora de se apaixonar por Suzanne Enoch”. -Lisa Kleypas

O Preço da Paixão...

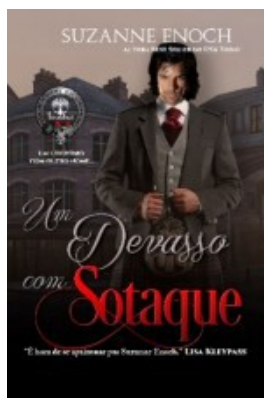
Em uma missão para resgatar sua irmã, fugitiva, da sedução de elogios floridos e de um lote inútil de biltres acetinados, encobertos por seus títulos arrogantes, Ranulf MacLawry, Marquês de Glengask, entrou na sociedade britânica, como uma tempestade atravessando as Highland escocesas. Mas ele está prestes a descobrir que o cetim tem seu apelo, especialmente quando cobre as curvas de Lady Charlotte Hanover - cuja língua é tão afiada quanto a pele é macia...

...é Puro Prazer

Lady Charlotte Hanover se cansou de homens esquentados, depois de perder seu noivo em um duelo totalmente desnecessário. Quando a força bruta triunfou sobre os cérebros? E ainda há algo sólido e tentador em relação ao impetuoso Highlander, que é tão perigoso no salão de baile quanto na batalha.

Às vezes, maior é melhor... em O demônio veste Kilt.

“Sempre um prazer avidamente aguardado”. - Christina Dodd



Livro 2

Um devasso para cada Lady...

Londres, 1817:

Preso em um salão de baile Mayfair, graças a seu irmão apaixonado, Arran MacLawry, o Highlander, não quer nada além de um pouco de distração de um noivado arranjado - e uma moça esperta de cabelo ruivo, em uma máscara de raposa, promete exatamente isso... até descobrir que ela é a neta do Campbell, rival de longa data do chefe do clã MacLawry. Apesar das tréguas rancorosas de suas famílias, cair pela ardente Mary Campbell é uma noção muito estranha, até mesmo para este Highlander...

...a emoção das tréguas proibidas

Criada com contos de que os MacLawrys são selvagens, Mary fica atordoada ao perceber que o homem impressionante, usando a máscara da raposa, é um deles. Certamente, o inimigo não deveria ter um peito tão largo, e um sotaque tão sedutor. Não que sua curiosidade seja importante - qualquer relação entre eles é estritamente proibida e ela está prometida a outro. Mas a faísca que crepita entre eles, está pronta para inflamar...

O amor vale todo risco em Um Devasso com Sotaque, de Suzanne Enoch

” Uma das minhas autoras favoritas”.

-Julia Quinn



Livro 3

Ela costumava ser louca por ele.

Em Louco, Feroz, e Perigoso de Xadrez, da escritora bestseller do New York Times, Suzanne Enoch, a animada Rowena MacLawry chega às Highlands, após uma temporada de estreia espetacularmente bem-sucedida em Londres, e deixa dolorosamente claro que superou sua obsessão de menina por Lachlan MacTier. Isso é muito bom para ele, pois nunca teve qualquer intenção de casar-se com a moça, de qualquer maneira! Mas como ele poderá ignorar o fato de que a Winnie, outrora agitada e vacilante, se tornou uma jovem muito elegante - e incrivelmente desejável?

E agora ele está mal...

O musculoso e robusto Lachlan não se parece nada com os aristocráticos cavalheiros ingleses que perseguiram Winnie - apaixonadamente - em Londres. Três meses de distância foi mais do que suficiente para lhe mostrar um mundo infinitamente mais glamoroso do que as selvagens Highlands escocesas - e sua paixão de infância. Mas, agora que decidiu encontrar um futuro marido, com um pouco mais de polimento, será que Lachlan finalmente apreciará seus encantos? E será que ela conseguirá ignorar remotamente a atração selvagem que sente por ele?

“Uma das minhas autoras favoritas”.

-Julia Quinn



Livro 4

Pode Um Choque De Vontades...

Século XIX, Escócia:

Quando uma lass louca, de calças, dispara contra ele, Munro “Urso” MacLawry não tem certeza do que o impressiona mais - a pontaria certa da moça ou suas curvas irresistivelmente tentadoras. Catriona MacColl chegou às Highlands, com sua meia-irmã, para evitar um casamento indesejado, e não quer nada com ele, nem com nenhum homem. Mas ele não pode abandonar a gata selvagem de cabelos cor de fogo e língua afiada, agora que a descobriu - não quando ela se encaixa tão perfeitamente em seus braços...

... Levar A Um Amor Para Sempre?

Munro mais do que merece seu apelido - ele é uma montanha de homem, musculoso e bem apessoado, com um sorriso cativante de malandro, com uma fila de moças bem satisfeitas atrás dele. Ao levar comida, cobertores e velas para Catriona, com tudo o que ela precisa para sobreviver a um inverno, em uma abadia abandonada, Munro é um presente inesperado, em sua tentativa imprudente de liberdade - e uma complicação inesperada. O Clã MacDonald tem planos para ela, e eles não incluem sua paixão por um MacLawry. Mas esse homem faz com que ela se sinta feminina - e ele pode ser sua única chance de ter a vida com a qual só ousou sonhar... em Alguém prefere esse

Escocês, da autora best-seller do New York Times, Suzanne Enoch.

“Uma de minhas autoras favoritas.” -Julia Quinn

Em breve novidades da autora

Sobre a Autora



Nativa e atual residente do sul da Califórnia, **Suzanne Enoch** adora cinema, quase tanto quanto adora livros, com um lugar especial em seu coração para qualquer obra de Guerra nas Estrelas. Escreveu trinta romances de Regência e romances históricos, que podem ser encontrados regularmente na lista de best-sellers do New York Times. Quando não está ocupada, trabalhando em seu próximo livro, Suzanne gosta de contemplar fenômenos interessantes, como a forma como os 3 lebistes em seu aquário se tornaram 161 lebistes em 5 meses.

Informações Leabhar

Acompanhe-nos e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o **print da compra** para o E-mail [Leabhar Books®](#)